DISLEXIA, NEUROPSICOPEDAGOGIA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS

Desafios e Estratégias no Processo de Alfabetização de Estudantes do Ensino Fundamental I e II

Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Palmyra Couto de Oliveira Neta
Idênis Glória Belchior
Silvana Nascimento de Carvalho
Rosimery Mendes Rodrigues
Gabriel Nascimento de Carvalho
Neusa Venditte

DISLEXIA, NEUROPSICOPEDAGOGIA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL I E II.

Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Palmyra Couto de Oliveira Neta
Idênis Glória Belchior
Silvana Nascimento de Carvalho
Rosimery Mendes Rodrigues
Gabriel Nascimento de Carvalho
Neusa Venditte

O processo de alfabetização de estudantes dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental requer uma abordagem pedagógica ampla e sensível às diferentes formas de aprendizagem, de modo a atender de maneira eficaz às necessidades educacionais específicas. A dislexia, entendida como um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, manifesta-se por dificuldades persistentes no reconhecimento preciso e fluente das palavras, na decodificação e na soletração, interferindo diretamente no desenvolvimento da leitura e da escrita (Associação Brasileira de Dislexia, 2016; Snowling; Stackhouse, 2004). Reconhecer essas características é fundamental para que professores, gestores e profissionais de apoio desenvolvam intervenções pedagógicas eficazes que promovam a inclusão real no ambiente escolar. A neuropsicopedagogia, fundamentada nas contribuições de Vygotsky (1978) e Piaget (1960), possibilita uma compreensão aprofundada dos processos cognitivos relacionados à aprendizagem, permitindo a criação de estratégias pedagógicas individualizadas e cientificamente embasadas. Ao articular conhecimentos da neurociência, da psicologia e da pedagogia, essa área oferece subsídios para identificar precocemente as dificuldades, compreender os mecanismos fonológicos comprometidos e estruturar intervenções que respeitem os ritmos de desenvolvimento de cada estudante (Ischkanian, 2011; Belchior et al., 2025). A avaliação neuropsicopedagógica vai além do diagnóstico, orientando práticas pedagógicas eficazes e fortalecendo habilidades linguísticas, cognitivas e metacognitivas. No campo das práticas pedagógicas inclusivas, o uso de metodologias flexíveis e estratégias multimodais é essencial para eliminar barreiras e promover a participação plena dos estudantes com dislexia (UNESCO, 1994; Cabral, 2025). A utilização de recursos variados, como textos acessíveis, jogos fonológicos, suportes visuais, tecnologias assistivas e metodologias ativas, amplia as possibilidades de acesso à informação e expressão dos alunos, tornando o processo de alfabetização mais significativo (Ischkanian et al., 2022; Paixão et al., 2025). A formação continuada dos professores é igualmente indispensável, pois contribui para o desenvolvimento de uma postura crítica, sensível e tecnicamente embasada diante das necessidades educacionais específicas (Rapp, 2014; Creswell, 2021). A participação ativa das famílias e dos próprios estudantes também desempenha papel crucial na consolidação de uma cultura escolar democrática e inclusiva. Ao valorizar a voz de cada indivíduo, reconhecem-se especificidades, estimulam-se potencialidades e constroem-se práticas pedagógicas alinhadas às realidades de todos os sujeitos. Compreender a dislexia, aplicar os fundamentos da neuropsicopedagogia e adotar práticas pedagógicas inclusivas são pilares estratégicos para transformar a alfabetização em uma experiência equitativa, participativa e significativa (Pacheco et al., 2007; Wing; Gould, 1979), promovendo uma educação de qualidade baseada na diversidade e no respeito às singularidades humanas.

Palavras-chave: Dislexia; neuropsicopedagogia; alfabetização; práticas pedagógicas inclusivas; ensino fundamental; estratégias multimodais; educação inclusiva.

DYSLEXIA, NEUROPSYCHOPEDAGOGY AND INCLUSIVE PEDAGOGICAL PRACTICES: CHALLENGES AND STRATEGIES IN THE LITERACY PROCESS OF ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS.

Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Palmyra Couto de Oliveira Neta
Idênis Glória Belchior
Silvana Nascimento de Carvalho
Rosimery Mendes Rodrigues
Gabriel Nascimento de Carvalho
Neusa Venditte

The literacy process of students in the early and final years of elementary education requires a broad pedagogical approach that is sensitive to different learning styles, in order to effectively meet specific educational needs. Dyslexia, understood as a specific neurobiological learning disorder, is characterized by persistent difficulties in accurate and fluent word recognition, decoding, and spelling, directly affecting reading and writing development (Associação Brasileira de Dislexia, 2016; Snowling; Stackhouse, 2004). Recognizing these characteristics is essential for teachers, administrators, and support professionals to develop effective pedagogical interventions that promote genuine inclusion in the school environment. Neuropsychopedagogy, grounded in the contributions of Vygotsky (1978) and Piaget (1960), provides a deep understanding of the cognitive processes involved in learning, allowing for the development of individualized, evidence-based pedagogical strategies. By integrating knowledge from neuroscience, psychology, and pedagogy, this field offers tools to identify difficulties early, understand compromised phonological mechanisms, and structure interventions that respect each student's developmental pace (Ischkanian, 2011; Belchior et al., 2025). Neuropsychopedagogical assessment goes beyond diagnosis by guiding more effective teaching practices and strengthening linguistic, cognitive, and metacognitive skills. In the field of inclusive pedagogical practices, the use of flexible methodologies and multimodal strategies is crucial to eliminate barriers and promote full participation of students with dyslexia (UNESCO, 1994; Cabral, 2025). The use of diverse resources—such as accessible texts, phonological games, visual supports, assistive technologies, and active methodologies—broadens students' opportunities to access and express information, making the literacy process more meaningful (Ischkanian et al., 2022; Paixão et al., 2025). Continuous teacher education is also essential, as it fosters the development of a critical, sensitive, and technically informed approach to specific educational needs (Rapp, 2014; Creswell, 2021). The active involvement of families and students themselves plays a key role in building a democratic and inclusive school culture. By valuing each individual's voice, specificities are acknowledged, potential is stimulated, and pedagogical practices are aligned with the realities of all learners. Understanding dyslexia, applying the principles of neuropsychopedagogy, and implementing inclusive pedagogical practices are strategic pillars for transforming literacy into an equitable, participatory, and meaningful experience (Pacheco et al., 2007; Wing; Gould, 1979), thus promoting quality education grounded in diversity and respect for human singularities.

Keywords: Dyslexia; neuropsychopedagogy; literacy; inclusive pedagogical practices; elementary education; multimodal strategies; inclusive education.

DISLEXIA, NEUROPSICOPEDAGOGÍA Y PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS: DESAFÍOS Y ESTRATEGIAS EN EL PROCESO DE ALFABETIZACIÓN DE ESTUDIANTES DE LA EDUCACIÓN PRIMARIA I Y II.

Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Palmyra Couto de Oliveira Neta
Idênis Glória Belchior
Silvana Nascimento de Carvalho
Rosimery Mendes Rodrigues
Gabriel Nascimento de Carvalho
Neusa Venditte

El proceso de alfabetización de los estudiantes de los primeros y últimos años de la educación primaria requiere un enfoque pedagógico amplio y sensible a las diferentes formas de aprendizaje, con el fin de responder de manera eficaz a las necesidades educativas específicas. La dislexia, entendida como un trastorno específico del aprendizaje de origen neurobiológico, se manifiesta a través de dificultades persistentes en el reconocimiento preciso y fluido de palabras, en la decodificación y en la ortografía, afectando directamente el desarrollo de la lectura y la escritura (Associação Brasileira de Dislexia, 2016; Snowling; Stackhouse, 2004). Reconocer estas características es fundamental para que docentes, gestores y profesionales de apoyo desarrollen intervenciones pedagógicas eficaces que promuevan una inclusión real en el entorno escolar. La neuropsicopedagogía, basada en los aportes de Vygotsky (1978) y Piaget (1960), permite una comprensión profunda de los procesos cognitivos relacionados con el aprendizaje, posibilitando la creación de estrategias pedagógicas individualizadas y con base científica. Al articular conocimientos de la neurociencia, la psicología y la pedagogía, esta área ofrece herramientas para identificar tempranamente las dificultades, comprender los mecanismos fonológicos comprometidos y estructurar intervenciones que respeten los ritmos de desarrollo de cada estudiante (Ischkanian, 2011; Belchior et al., 2025). La evaluación neuropsicopedagógica va más allá del diagnóstico, orientando prácticas pedagógicas más efectivas y fortaleciendo habilidades lingüísticas, cognitivas y metacognitivas. En el campo de las prácticas pedagógicas inclusivas, el uso de metodologías flexibles y estrategias multimodales es esencial para eliminar barreras y promover la participación plena de los estudiantes con dislexia (UNESCO, 1994; Cabral, 2025). El empleo de recursos variados —como textos accesibles, juegos fonológicos, apoyos visuales, tecnologías asistivas y metodologías activas— amplía las posibilidades de acceso a la información y expresión de los alumnos, haciendo que el proceso de alfabetización sea más significativo (Ischkanian et al., 2022; Paixão et al., 2025). La formación continua de los docentes es igualmente indispensable, ya que contribuye al desarrollo de una postura crítica, sensible y técnicamente fundamentada frente a las necesidades educativas específicas (Rapp, 2014; Creswell, 2021). La participación activa de las familias y de los propios estudiantes también desempeña un papel crucial en la consolidación de una cultura escolar democrática e inclusiva. Al valorar la voz de cada individuo, se reconocen las especificidades, se estimulan las potencialidades y se construyen prácticas pedagógicas acordes con las realidades de todos los sujetos. Comprender la dislexia, aplicar los fundamentos de la neuropsicopedagogía y adoptar prácticas pedagógicas inclusivas constituyen pilares estratégicos para transformar la alfabetización en una experiencia equitativa, participativa y significativa (Pacheco et al., 2007; Wing; Gould, 1979), promoviendo una educación de calidad basada en la diversidad y el respeto a las singularidades humanas.

Palabras clave: Dislexia; neuropsicopedagogía; alfabetización; prácticas pedagógicas inclusivas; educación primaria; estrategias multimodales; educación inclusiva.

DISLEXIA, NEUROPSICOPEDAGOGIA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL I E II.

Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian
Palmyra Couto de Oliveira Neta
Idênis Glória Belchior
Silvana Nascimento de Carvalho
Rosimery Mendes Rodrigues
Gabriel Nascimento de Carvalho
Neusa Venditte

1. INTRODUÇÃO

A dislexia é um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica que impacta diretamente a leitura e a escrita, sendo frequentemente mal compreendida como uma simples dificuldade de leitura. Sua etimologia, oriunda do grego, já indica a complexidade envolvida no fenômeno, pois traduz a ideia de "dificuldade com palavras". No contexto escolar, essa condição não deve ser interpretada como falta de inteligência, motivação ou disciplina do estudante, mas sim como uma diferença cognitiva que demanda estratégias pedagógicas diferenciadas, acompanhamento especializado e práticas inclusivas que possibilitem a aprendizagem efetiva de forma acessível e respeitosa. Reconhecer a dislexia nesse sentido contribui para a construção de uma educação democrática, na qual a diversidade cognitiva é valorizada e os preconceitos relacionados a dificuldades de leitura e escrita podem ser minimizados.

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2016), a dislexia do desenvolvimento manifesta-se principalmente como dificuldades no reconhecimento preciso e fluente das palavras, na decodificação e na soletração, geralmente decorrentes de déficits no componente fonológico da linguagem. Esses desafios se tornam mais evidentes quando o estudante é exposto à leitura contínua e à escrita formal, tornando-se um obstáculo significativo ao desempenho escolar, ao engajamento social e à autoestima. É fundamental compreender que tais dificuldades não são proporcionais à capacidade intelectual do indivíduo, sendo essencial que educadores e famílias adotem uma postura proativa de observação, detecção precoce e intervenção pedagógica especializada, a fim de minimizar impactos negativos no processo de alfabetização.

> A Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas. Essa condição não está relacionada à falta de inteligência ou de oportunidades educacionais, mas envolve diferenças significativas na forma como o cérebro processa a linguagem escrita e falada, exigindo intervenções pedagógicas especializadas, consistentes e contínuas. A compreensão profunda da dislexia é essencial para que educadores, famílias e profissionais da saúde possam identificar precocemente os sinais, adaptar os métodos de ensino e oferecer suporte adequado que favoreça o desenvolvimento das competências linguísticas e cognitivas dos estudantes. Reconhecer a dislexia como um aspecto da diversidade humana contribui para combater preconceitos e estigmas associados às dificuldades de leitura e escrita, promovendo uma cultura escolar mais acolhedora e inclusiva. A utilização de estratégias multimodais, tecnologias assistivas e práticas pedagógicas diferenciadas possibilita que esses estudantes tenham acesso real ao currículo e participem ativamente das experiências de aprendizagem. Dessa forma, cria-se um ambiente educativo mais equitativo, no qual as potencialidades individuais são valorizadas e os desafios são enfrentados de maneira colaborativa, respeitosa e estratégica, garantindo o direito à educação de qualidade para todos. (Associação Brasileira de Dislexia, 2016, grifos de Simone Ischkanian, 2025)

A neuropsicopedagogia surge nesse cenário como uma ferramenta de grande relevância para apoiar a inclusão de estudantes com dislexia. Essa abordagem interdisciplinar combina conhecimentos da neurociência, psicologia e pedagogia, permitindo compreender como o cérebro processa a linguagem escrita e oferecendo subsídios para o desenvolvimento de estratégias que facilitem a aprendizagem. De acordo com Belchior et al. (2025), a psicopedagogia permite identificar fatores cognitivos, emocionais e sociais que influenciam a aprendizagem, possibilitando intervenções individualizadas e adaptadas às necessidades de cada aluno. Dessa forma, o professor se torna não apenas transmissor de conteúdo, mas mediador de experiências de aprendizagem que respeitam os ritmos, estilos e competências cognitivas dos estudantes.

Um dos principais desafios enfrentados no ensino fundamental é a heterogeneidade da turma, que inclui alunos com diferentes níveis de desenvolvimento cognitivo e competências linguísticas. Para que a alfabetização seja efetiva, é necessário que o planejamento pedagógico contemple práticas inclusivas que atendam tanto estudantes com dislexia quanto aqueles sem dificuldades de aprendizagem. Isso envolve a diversificação de recursos didáticos, como o uso de materiais multimodais, tecnologia assistiva, jogos educativos, leitura compartilhada e atividades de reforço individualizado. Essa abordagem não apenas facilita a compreensão e assimilação do conteúdo, mas também promove o engajamento e a autoestima do estudante, tornando o aprendizado mais significativo.

É importante destacar que práticas pedagógicas inclusivas não se restringem apenas à adaptação de materiais, mas também ao desenvolvimento de estratégias metodológicas que

valorizem a diversidade cognitiva. A utilização de podcasts, como sugere Cabral (2023), exemplifica uma alternativa tecnológica que favorece o aprendizado auditivo e fortalece a compreensão de conteúdos complexos. Tais recursos permitem que os estudantes com dificuldades de leitura tenham acesso às informações de forma acessível, reduzindo a frustração e promovendo autonomia. Ao integrar tecnologia ao processo educativo, professores ampliam as possibilidades de participação de todos os alunos, criando um ambiente de aprendizagem mais democrático e estimulante.

A formação continuada de professores é outro fator determinante para o sucesso das práticas pedagógicas inclusivas. Educadores precisam ser capacitados para identificar sinais precoces de dislexia, compreender seu impacto no processo de alfabetização e aplicar estratégias pedagógicas diferenciadas. Essa formação envolve não apenas o conhecimento teórico sobre transtornos de aprendizagem, mas também o desenvolvimento de habilidades práticas, como adaptação de materiais, planejamento de atividades diferenciadas e utilização de tecnologias assistivas. A valorização da formação docente reflete diretamente na qualidade do ensino e na promoção de uma educação mais inclusiva e equitativa.

A colaboração entre escola e família fortalece o processo de alfabetização, pois permite a continuidade das estratégias pedagógicas em casa, promove compreensão sobre a condição e contribui para o desenvolvimento emocional do estudante. É fundamental que os familiares sejam orientados sobre como apoiar a aprendizagem, identificar progressos e dificuldades e participar de forma ativa no planejamento educacional, estabelecendo um vínculo positivo entre escola, aluno e família.

A avaliação diagnóstica é uma etapa crucial para a implementação de práticas pedagógicas inclusivas eficazes. Para estudantes com dislexia, métodos tradicionais de avaliação podem ser insuficientes ou inadequados, uma vez que não consideram suas particularidades cognitivas. Avaliações diferenciadas, que incluam observações qualitativas, relatórios de desempenho, atividades práticas e recursos tecnológicos, permitem um diagnóstico mais preciso e contribuem para a elaboração de planos de intervenção pedagógica personalizados. Esses instrumentos são fundamentais para monitorar o progresso, ajustar estratégias e garantir que todos os alunos alcancem os objetivos de aprendizagem de forma justa.

O processo de alfabetização no Ensino Fundamental I e II requer atenção à diversidade linguística e cognitiva da turma. A dislexia, por se manifestar de formas variadas, exige intervenções que sejam ao mesmo tempo sistemáticas e flexíveis. Estratégias como a leitura compartilhada, atividades de reforço fonológico, uso de softwares educativos, leitura

em voz alta e apoio de tutores especializados contribuem para a aquisição das habilidades de leitura e escrita. O foco deve ser na valorização do progresso individual, na construção de confiança e no incentivo à autonomia, garantindo que cada estudante possa desenvolver suas competências dentro de um ambiente seguro e estimulante.

Um desafio persistente nas escolas brasileiras é o preconceito e o estigma associados às dificuldades de aprendizagem. Estudantes com dislexia frequentemente enfrentam julgamentos sobre sua inteligência ou esforço, o que pode impactar negativamente sua autoestima e engajamento escolar. É fundamental que práticas pedagógicas inclusivas contemplem também a dimensão socioemocional, promovendo a conscientização de colegas e professores sobre a diversidade cognitiva. Programas de sensibilização, atividades de integração e o cultivo de uma cultura de respeito à diferença são medidas que contribuem para um ambiente escolar mais acolhedor e livre de discriminação.

A colaboração entre profissionais de diferentes áreas é outro elemento essencial para enfrentar os desafios da inclusão de estudantes com dislexia. Psicopedagogos, neuropsicólogos, fonoaudiólogos e professores devem trabalhar em conjunto para elaborar planos de intervenção integrados, capazes de contemplar as necessidades cognitivas, emocionais e sociais dos alunos. Essa abordagem multidisciplinar garante que o estudante receba suporte adequado em todas as dimensões de seu desenvolvimento, fortalecendo a aprendizagem, prevenindo dificuldades futuras e promovendo uma trajetória escolar mais satisfatória e inclusiva.

A dislexia é um fenômeno complexo que demanda compreensão aprofundada, estratégias pedagógicas diferenciadas e práticas inclusivas consistentes. A neuropsicopedagogia oferece ferramentas valiosas para compreender e apoiar o processo de alfabetização de estudantes com essa condição, promovendo intervenções personalizadas e eficazes.

A integração de tecnologia, a formação docente continuada, o envolvimento familiar e a valorização da diversidade cognitiva constituem pilares para a construção de uma educação mais equitativa e inclusiva. Ao adotar essas estratégias, escolas garantem que todos os estudantes, independentemente de suas dificuldades, tenham acesso pleno ao currículo, possam desenvolver suas potencialidades e participem ativamente de uma comunidade de aprendizagem respeitosa e colaborativa.

2. DESENVOLVIMENTO

O professor exerce um papel central no processo de alfabetização, não apenas como transmissor de conhecimento, mas também como mediador do desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes. Lima (2012) destaca que a escola deve reconhecer as habilidades e dificuldades dos alunos, adaptando-se às necessidades individuais para garantir aprendizagem efetiva. Quando se trata de dislexia, essa função se torna ainda mais complexa, pois trata-se de uma dificuldade de aprendizagem de origem neurobiológica que impacta diretamente a leitura, a escrita e o desempenho escolar, exigindo intervenções pedagógicas especializadas e contínuas. Reconhecer essas diferenças cognitivas e promover um olhar atento às particularidades dos alunos contribui para uma educação mais inclusiva e equitativa.

> O professor exerce uma função muito importante na sala de aula. Além de estimular as diversas competências disciplinares, é responsável por transmitir conhecimento e modificar o meio; e dentro deste papel fundamental em nossa sociedade, é necessário que haja um olhar diferenciado para o aluno e suas necessidades, que possa haver um reconhecimento das habilidades e até das desabilidades. A escola enquanto formador de futuros formadores tem de estar a par das necessidades e precisa ter preparação necessária para atender crianças com problemas de aprendizagem e suprir as deficiências escolares. (Lima, 2012, p, 14).

A dislexia do desenvolvimento é caracterizada por dificuldades no reconhecimento preciso e fluente das palavras, na decodificação e na soletração, frequentemente associadas a déficits no componente fonológico da linguagem (Associação Brasileira de Dislexia, 2016). Essas dificuldades, segundo Ponçano (2007), podem gerar frustração e baixa autoestima, impactando a motivação e a participação social do estudante. Compreender a dislexia como uma condição neurobiológica e não como falta de inteligência ou de esforço é essencial para a construção de estratégias pedagógicas eficazes, que permitam o desenvolvimento integral do aluno e promovam a inclusão de forma consistente.

A neuropsicopedagogia emerge como uma abordagem fundamental para compreender e intervir nas dificuldades de aprendizagem relacionadas à dislexia. Belchior et al. (2025) ressaltam que essa disciplina integra conhecimentos da psicologia, pedagogia e neurociência, possibilitando a análise dos processos cognitivos e a elaboração de estratégias pedagógicas individualizadas. Por meio dessa abordagem, é possível identificar barreiras no processamento da linguagem, propor atividades de reforço fonológico e utilizar recursos multimodais que facilitem o aprendizado, promovendo maior autonomia e participação ativa dos estudantes no contexto escolar.

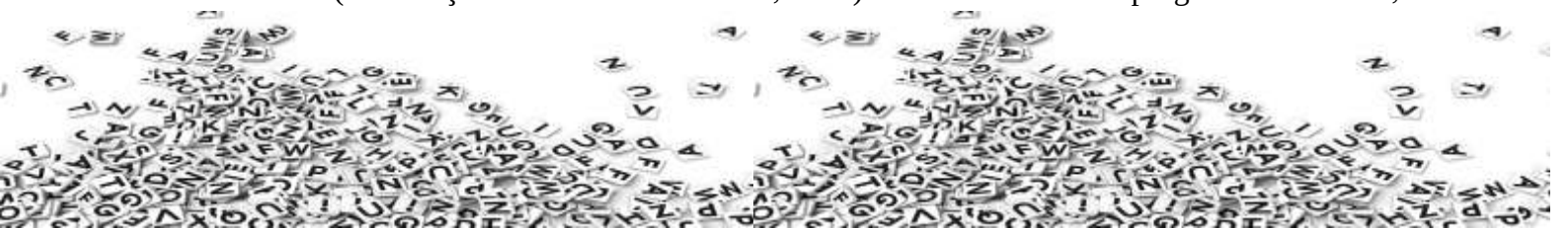
A formação continuada dos educadores é essencial para a eficácia das práticas pedagógicas inclusivas. Piaget (1960; 1970) enfatiza que o desenvolvimento da criança ocorre de maneira gradual e depende da interação com o ambiente, o que reforça a necessidade de professores capacitados para adaptar atividades e materiais conforme as necessidades individuais. Cursos e workshops de formação permitem que os docentes compreendam a diversidade cognitiva, reconheçam sinais precoces de dislexia e adotem metodologias inclusivas que valorizem o progresso individual e incentivem a participação de todos os alunos.

O envolvimento familiar desempenha um papel significativo no sucesso do processo de alfabetização de estudantes com dislexia. Paixão et al. (2025) destacam que a colaboração entre família e escola fortalece o aprendizado, garantindo continuidade nas estratégias pedagógicas e suporte emocional. Quando os familiares são orientados sobre a condição do estudante e participam ativamente do planejamento educacional, cria-se um ambiente de aprendizagem integrado, no qual o estudante se sente apoiado e motivado, reduzindo o risco de desengajamento e exclusão social.

As práticas pedagógicas inclusivas devem ir além da adaptação de materiais, incorporando estratégias metodológicas que contemplem diferentes estilos de aprendizagem. Cabral (2023) aponta que tecnologias como podcasts e softwares educativos são recursos valiosos, pois estimulam diferentes canais cognitivos e sensoriais, facilitando a compreensão de conteúdos complexos. A integração de tecnologia ao processo educativo permite que estudantes com dislexia participem plenamente das atividades, desenvolvendo habilidades de leitura e escrita de forma mais acessível e estimulante.

A avaliação diferenciada é indispensável para compreender o progresso de estudantes com dislexia. Ponçano (2007) observa que avaliações tradicionais podem não refletir adequadamente as competências do aluno, sendo necessário adotar instrumentos diversificados, como observações, relatórios de desempenho, atividades práticas e recursos tecnológicos. Esse tipo de avaliação possibilita ajustes pedagógicos contínuos, fornecendo feedback construtivo e garantindo que cada estudante avance de acordo com seu ritmo e potencial, fortalecendo a autoestima e a motivação para aprender.

A heterogeneidade das turmas do Ensino Fundamental I e II exige planejamento pedagógico que considere diferenças cognitivas e linguísticas. A dislexia se manifesta de formas variadas, o que demanda estratégias flexíveis e sistemáticas, como leitura compartilhada, reforço fonológico, acompanhamento individualizado e uso de tecnologias assistivas (Associação Brasileira de Dislexia, 2016). O foco deve ser no progresso individual,



valorizando conquistas parciais e promovendo autonomia, construindo um ambiente escolar inclusivo e estimulante, que respeite a diversidade e favoreça a participação de todos os alunos.

A construção de uma cultura escolar inclusiva também passa pelo combate a preconceitos e estigmas associados às dificuldades de aprendizagem. Estudos indicam que alunos com dislexia frequentemente são avaliados erroneamente em relação à inteligência ou esforço (Ponçano, 2007). Estratégias que envolvam conscientização de professores, estudantes e familiares, assim como atividades de integração e programas de sensibilização, contribuem para um ambiente escolar mais acolhedor e respeitoso, fortalecendo a autoestima e o engajamento dos alunos.

A atuação interdisciplinar é fundamental para implementar práticas pedagógicas inclusivas eficazes. Psicopedagogos, neuropsicólogos, fonoaudiólogos e professores devem colaborar de forma articulada, criando planos de intervenção que contemplem aspectos cognitivos, emocionais e sociais dos estudantes (Belchior et al., 2025). Essa integração permite que as estratégias de ensino sejam mais precisas e personalizadas, garantindo suporte contínuo e promovendo inclusão real, permitindo que alunos com dislexia participem plenamente das atividades escolares.

Intervenções precoces e contínuas têm impacto significativo na aprendizagem de estudantes com dislexia. Ponçano (2007) aponta que programas que combinam atividades lúdicas, reforço fonológico e tecnologia assistiva contribuem para o desenvolvimento da leitura e da escrita, promovendo fluência, compreensão e autoconfiança. A valorização das conquistas individuais e a criação de um ambiente seguro e motivador são determinantes para fortalecer o engajamento, reduzir frustração e promover o sucesso acadêmico e social do estudante.

A dislexia demanda compreensão aprofundada, fundamentação teórica consistente e estratégias pedagógicas diferenciadas. A neuropsicopedagogia oferece subsídios para intervenções individualizadas, enquanto práticas pedagógicas inclusivas, formação docente, uso de tecnologias assistivas, avaliação diferenciada e envolvimento familiar consolidam um processo educativo equitativo e eficaz. A inclusão efetiva promove aprendizagem significativa, respeita a diversidade cognitiva e fortalece valores de equidade e respeito, assegurando que todos os estudantes, independentemente de suas dificuldades, desenvolvam plenamente suas potencialidades e participem ativamente da construção do conhecimento e da cidadania.

2.1. METODOLOGIA DA PESQUISA PARA DELINEAMENTO DO ARTIGO

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico e documental, centrada na análise interpretativa dos discursos científicos sobre dislexia, neuropsicopedagogia e práticas pedagógicas inclusivas, com foco nos desafios e estratégias no processo de alfabetização de estudantes do Ensino Fundamental I e II. A escolha por essa abordagem justifica-se pela necessidade de compreender significados, sentidos e processos relacionados às práticas pedagógicas contemporâneas, priorizando a interpretação da complexidade dos fenômenos educacionais mais do que a quantificação de dados conforme ressaltam Creswell (2021) e Vergara (2014). Essa modalidade de investigação busca analisar criticamente produções teóricas consolidadas, permitindo ao pesquisador explorar o campo educacional de forma contextualizada e reflexiva, considerando a singularidade do objeto de estudo.

Quanto ao tipo de pesquisa, optou-se pela investigação bibliográfica, cujo objetivo é reunir, sistematizar e analisar a produção científica existente sobre o tema. A pesquisa bibliográfica fundamenta-se na exploração de obras previamente publicadas, como artigos científicos, dissertações, livros e documentos eletrônicos, fornecendo subsídios para a construção do referencial teórico e para o desenvolvimento das análises propostas conforme apontam Gil (2018), Richardson (1999) e Severino (2016). Essa abordagem possibilita ao pesquisador compreender o estado da arte, identificar lacunas na literatura e estruturar um diálogo crítico entre diferentes perspectivas teóricas.

A pesquisa também se caracteriza como documental, ao incorporar materiais acessados em bases digitais e científicas que apresentam dados relevantes para a reflexão sobre o objeto de estudo. Foram selecionadas obras disponíveis em livros, revistas, jornais e em plataformas como CAPES, Scopus, Web of Science, SciELO, Academia Edu e Google Acadêmico. A seleção dos documentos considerou critérios de atualidade, pertinência temática e rigor acadêmico, garantindo a consistência teórica e a relevância das informações utilizadas, em consonância com as orientações de Lakatos e Marconi (2010) e Quivy e Campenhoudt (2008).

O processo de coleta de dados iniciou-se com o levantamento das palavras-chave mais recorrentes na literatura da área, incluindo termos como dislexia, neuropsicopedagogia, práticas pedagógicas inclusivas, cultura maker, metodologias ativas, aprendizagem significativa e tecnologia educacional. Essa etapa permitiu mapear um conjunto de artigos que abordam a temática sob diferentes perspectivas, proporcionando um olhar plural e crítico. Em

seguida, realizou-se a leitura exploratória dos títulos e resumos, de modo a filtrar os textos mais aderentes aos objetivos da pesquisa, observando critérios de relevância, qualidade acadêmica e diversidade de enfoques.

Após a triagem inicial, os artigos selecionados foram submetidos à leitura analítica, buscando identificar elementos comuns, tensões conceituais e contribuições singulares. A análise foi realizada por meio da categorização temática e do cruzamento entre os achados, com vistas à construção de uma narrativa articulada que refletisse os principais pontos discutidos na literatura. Sousa, Oliveira e Alves (2021) destacam que a sistematização criteriosa das informações e a verificação da consistência dos dados são essenciais para evitar interpretações equivocadas e assegurar a confiabilidade da análise.

Os procedimentos de análise envolveram a comparação entre as produções localizadas, com base em categorias previamente definidas a partir dos objetivos específicos da pesquisa. Essa estratégia permitiu identificar recorrências, divergências e complementaridades entre as abordagens teóricas, destacando aspectos estruturais, pedagógicos e epistemológicos presentes nos textos estudados conforme Gil (2008) e Lakatos e Marconi (2017). A análise bibliográfica exigiu, portanto, um olhar crítico e reflexivo, capaz de interpretar os dados em profundidade, indo além da simples repetição das ideias apresentadas nas obras consultadas.

A metodologia adotada possibilitou, ainda, compreender como diferentes autores abordam os desafios e estratégias relacionados à alfabetização de estudantes com dislexia, considerando a importância da neuropsicopedagogia e das práticas pedagógicas inclusivas. Esse enfoque permite analisar não apenas as técnicas e recursos utilizados, mas também as dimensões cognitivas, socioemocionais e contextuais que influenciam o processo de aprendizagem, promovendo uma visão integrada e crítica sobre o tema.

A pesquisa qualitativa, nesse sentido, privilegia a compreensão das experiências e interpretações dos autores estudados, permitindo ao pesquisador construir inferências fundamentadas sobre a eficácia de diferentes abordagens pedagógicas. A análise documental complementa essa perspectiva, ao fornecer dados concretos e evidências de experiências anteriores, enriquecendo a compreensão do fenômeno estudado e fundamentando recomendações práticas para a atuação educativa.

A seleção de fontes confiáveis e atualizadas contribuiu para a construção de um referencial teórico sólido, capaz de sustentar a discussão sobre dislexia, neuropsicopedagogia e inclusão escolar. A leitura crítica das obras selecionadas permitiu identificar consensos, divergências e lacunas na literatura, apontando caminhos para futuras pesquisas e

intervenções pedagógicas mais efetivas. Esse cuidado metodológico assegura que as conclusões do estudo sejam embasadas em evidências consistentes, fortalecendo a validade e a relevância científica do trabalho.

O cruzamento das informações extraídas da literatura também possibilitou relacionar conceitos teóricos a práticas concretas observadas na realidade escolar, favorecendo a análise de estratégias pedagógicas inclusivas e a identificação de fatores que contribuem para a aprendizagem de estudantes com dislexia. Essa articulação entre teoria e prática fortalece a pertinência social da pesquisa e amplia a compreensão sobre como diferentes abordagens podem ser aplicadas de forma efetiva no contexto do Ensino Fundamental.

A abordagem qualitativa adotada permitiu, ainda, que a pesquisa considerasse as nuances e complexidades do processo de alfabetização, respeitando a singularidade de cada estudante e reconhecendo a diversidade cognitiva presente nas salas de aula. A metodologia favoreceu a construção de interpretações profundas, capazes de orientar políticas educacionais, formação docente e práticas pedagógicas mais inclusivas, em consonância com os princípios da neuropsicopedagogia e da educação equitativa.

A Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2016) fornece a base conceitual necessária para compreender a dislexia como um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, destacando suas características, diagnóstico e intervenção. Essa obra sustenta a pesquisa ao oferecer definições e critérios que orientam a identificação precoce da dislexia, evidenciando a necessidade de estratégias pedagógicas diferenciadas no processo de alfabetização.

Belchior et al. (2025) abordam a psicopedagogia como ferramenta de inclusão e desenvolvimento, enfatizando a importância de intervenções adaptadas às necessidades individuais das crianças. Essa perspectiva reforça a relevância da neuropsicopedagogia na construção de práticas pedagógicas inclusivas, contribuindo para a compreensão de como os profissionais podem apoiar estudantes com dificuldades de aprendizagem, incluindo a dislexia, de maneira estratégica e humanizada.

Cabral (2023) discute a importância dos podcasts como ferramentas tecnológicas na aprendizagem de idiomas, evidenciando como recursos digitais podem auxiliar no desenvolvimento cognitivo e linguístico de alunos típicos e atípicos. Essa obra contribui para o estudo ao destacar a aplicabilidade de tecnologias educacionais no processo de alfabetização de estudantes com dislexia, favorecendo estratégias multimodais e inclusivas.

Cabral (2025) em sua obra sobre tecnologias digitais na formação de professores ressalta como metodologias e recursos tecnológicos podem facilitar a compreensão e

aprendizagem. Essa referência fundamenta a pesquisa ao demonstrar que a formação docente alinhada às tecnologias educacionais é essencial para implementar práticas pedagógicas inclusivas eficazes, especialmente para estudantes com necessidades específicas.

Cabral (2025) também explora a influência da inteligência emocional no ambiente educacional, indicando que a gestão emocional do professor e do aluno impacta diretamente no processo de aprendizagem. Esse estudo se relaciona ao tema da pesquisa ao mostrar que o desenvolvimento socioemocional deve ser considerado no planejamento pedagógico, especialmente em contextos inclusivos que atendem estudantes com dislexia.

Cabral (2023) aborda a saúde mental de alunos com dificuldades de aprendizagem e propõe intervenções com uso da tecnologia. Essa obra fornece suporte teórico à pesquisa, evidenciando que estratégias pedagógicas inclusivas não devem se restringir ao conteúdo cognitivo, mas também contemplar aspectos socioemocionais, ampliando o impacto das práticas neuropsicopedagógicas.

Cabral (2022) enfatiza as metodologias ativas no processo educativo, demonstrando que abordagens participativas e centradas no estudante favorecem a aprendizagem significativa. Essa perspectiva é fundamental para o estudo, pois sugere estratégias pedagógicas que engajam alunos com dislexia, estimulando autonomia e participação ativa nas atividades escolares.

Cabral (2025) explora os benefícios do pensamento crítico e sua relação com a aprendizagem eficaz. Essa obra contribui para a pesquisa ao reforçar que práticas pedagógicas inclusivas devem promover habilidades cognitivas superiores, incentivando estudantes a desenvolver raciocínio crítico mesmo diante de dificuldades de aprendizagem como a dislexia.

Cabral et al. (2024b) discutem o uso de storytelling para engajamento e aprendizagem significativa, demonstrando a importância de recursos narrativos no processo de alfabetização. Essa referência é relevante para a pesquisa, pois sugere que a narrativa e o envolvimento afetivo podem ser estratégias inclusivas poderosas para estudantes com dislexia.

Cabral et al. (2025) analisam ferramentas digitais na aprendizagem de alunos típicos e atípicos, evidenciando a relevância das tecnologias na construção de ambientes inclusivos. Essa obra fundamenta a pesquisa ao demonstrar que recursos digitais, quando integrados ao planejamento pedagógico, podem reduzir barreiras de aprendizagem e favorecer a inclusão de estudantes com dislexia.

Cabral e Raimundo (2023a) comparam métodos tradicionais e metodologias ativas, destacando vantagens e limitações de cada abordagem. Essa referência contribui para a pesquisa ao fornecer parâmetros teóricos que auxiliam na escolha de práticas pedagógicas mais adequadas para alunos com dificuldades de aprendizagem, favorecendo a personalização do ensino.

Cabral et al. (2024a) investigam a gamificação na educação, mostrando como tornar o aprendizado mais lúdico e motivador. Essa obra relaciona-se com o tema ao indicar estratégias inovadoras que podem aumentar a participação e engajamento de estudantes com dislexia, promovendo experiências de aprendizagem inclusivas e significativas.

Creswell (2021) fornece fundamentos para a escolha da abordagem qualitativa, destacando a importância de compreender significados e processos. Essa referência orienta o delineamento metodológico da pesquisa, justificando a análise interpretativa de produções científicas relacionadas à dislexia e às práticas pedagógicas inclusivas.

Gil (2018, 2008) oferece diretrizes sobre elaboração de projetos e técnicas de pesquisa social, apoiando a estruturação metodológica do estudo. Essas obras permitem fundamentar a coleta e análise de dados bibliográficos e documentais, garantindo rigor científico na investigação sobre alfabetização e inclusão.

Ischkanian (2021) apresenta tecnologias assistivas, como a prancha de madeira, para atividades pedagógicas, evidenciando estratégias práticas de inclusão. Essa obra é diretamente relacionada à pesquisa, pois ilustra como recursos adaptativos podem apoiar alunos com dislexia na alfabetização.

Ischkanian et al. (2022) discutem educação, tecnologia e inclusão, mostrando como práticas pedagógicas podem se articular com recursos digitais para atender diferentes necessidades. Essa referência reforça a relevância da integração entre tecnologia e neuropsicopedagogia para a promoção de aprendizagem inclusiva.

Ischkanian (2011) explora as dificuldades enfrentadas por disléxicos, detalhando os impactos da dislexia no processo de aprendizagem. Esse estudo fornece fundamentação teórica essencial ao demonstrar os desafios enfrentados por estudantes do Ensino Fundamental I e II e a necessidade de estratégias pedagógicas diferenciadas.

Lakatos e Marconi (2010, 2017) apresentam fundamentos metodológicos e técnicas de pesquisa, apoiando a estruturação bibliográfica e documental da investigação. Essas referências garantem consistência científica na coleta, análise e interpretação dos dados.

Lima (2013) realiza estudo de caso sobre dislexia e ensino-aprendizagem de língua portuguesa, oferecendo evidências práticas de estratégias pedagógicas inclusivas. Essa obra

contribui para a pesquisa ao apresentar exemplos concretos de intervenção e adaptação curricular para alunos com dislexia.

Paixão et al. (2025) abordam desafios e potencialidades de alunos com dificuldades de aprendizagem, destacando a importância de reconhecer talentos individuais. Essa referência se relaciona com a pesquisa ao reforçar a necessidade de práticas inclusivas que valorizem as competências de cada estudante.

Piaget (1960, 1970) fundamenta teoricamente o desenvolvimento cognitivo da criança, indicando que a aprendizagem ocorre de forma progressiva e depende da interação com o ambiente. Suas obras sustentam a pesquisa ao fornecer base para compreender como estratégias pedagógicas inclusivas podem favorecer a alfabetização de alunos com dislexia.

Ponçano (2007) analisa a percepção de professores sobre a dislexia, evidenciando desafios na sala de aula. Essa dissertação é relevante para a pesquisa ao fornecer insights sobre práticas pedagógicas e a necessidade de formação docente específica para atender estudantes com dificuldades de aprendizagem.

Quivy e Campenhoudt (2008), Richardson (1999), Severino (2016) e Vergara (2014) oferecem suporte metodológico para a condução de pesquisas sociais e educacionais, assegurando rigor na análise bibliográfica e documental. Essas referências estruturam a investigação, orientando o mapeamento, categorização e interpretação das obras consultadas.

Skinner (1965) e Vygotsky (1978, 1988) fornecem fundamentos sobre comportamento e desenvolvimento psicológico, apoiando a compreensão dos processos de aprendizagem e da necessidade de intervenções pedagógicas diferenciadas para alunos com dislexia.

Snowling e Stackhouse (2004) e Veras (2012) exploram a relação entre dislexia, linguagem e produção textual, oferecendo subsídios para estratégias pedagógicas que promovam alfabetização efetiva. Essas obras sustentam a pesquisa ao detalhar dificuldades específicas de leitura e escrita enfrentadas por alunos disléxicos.

UNESCO (1994, 2017) estabelece princípios de inclusão educacional e uso de tecnologia no ensino, reforçando a importância de práticas pedagógicas inclusivas e o planejamento de recursos digitais. Essas referências alinham a pesquisa a políticas e diretrizes internacionais de educação inclusiva.

A metodologia adotada combinou análise bibliográfica e documental, categorização temática e cruzamento crítico dos dados, assegurando rigor científico e consistência teórica na investigação sobre dislexia, neuropsicopedagogia e práticas pedagógicas inclusivas. Esse delineamento metodológico permitiu compreender os desafios e estratégias no processo de

alfabetização de estudantes do Ensino Fundamental I e II, articulando conhecimento teórico, evidências documentais e reflexões críticas sobre a inclusão e a diversidade na educação contemporânea.

2.2. SINTOMAS DA DISLEXIA

A identificação precoce da dislexia é um passo essencial para a implementação de estratégias pedagógicas eficazes, capazes de apoiar o desenvolvimento do estudante em diferentes fases da vida escolar. Lima (2012) ressalta que a ausência de formação adequada do professor dificulta a percepção de problemas intelectuais e de aprendizagem, podendo levar a interpretações equivocadas sobre o desempenho do aluno. Sem conhecimento específico, há grande probabilidade de culpar o estudante pelo insucesso, em vez de investigar métodos alternativos que respeitem sua individualidade e favoreçam a compreensão do conteúdo. Essa observação evidencia a necessidade de capacitação docente contínua, especialmente voltada para o reconhecimento de sinais de dislexia e para a adaptação de estratégias pedagógicas.

> Há situações importantes em que o professor deve renovar sua prática pedagógica, principalmente nas situações onde a dificuldade de aprender e entender persiste. A ausência de formação do professor impossibilita a identificação de problemas intelectuais. Com a falta de conhecimento existe a grande probabilidade de o professor culpar o aluno pelo insucesso assim, o professor não pesquisa e nem procura estudar e utilizar outros métodos para que a criança aprenda e entenda o conteúdo da melhor forma entendendo e respeitando a sua individualidade. (Lima, 2012, p. 14).

Na primeira infância, diversos sintomas podem indicar a presença da dislexia, refletindo atrasos no desenvolvimento motor, na fala e em habilidades cognitivas iniciais. Entre os sinais mais frequentes estão o atraso ao engatinhar, sentar ou andar, dificuldades na aquisição da fala, problemas de compreensão auditiva, distúrbios do sono e enurese noturna. Além disso, crianças disléxicas podem apresentar hiperatividade ou hipoatividade motora, choro recorrente, inquietação, sensibilidade emocional elevada e dificuldade de adaptação aos primeiros anos escolares (Ischkanian, 2011). Esses indícios requerem atenção especial por parte do educador, uma vez que interferem diretamente na interação social, na aprendizagem e na construção de autonomia da criança.

A partir dos sete anos, os sintomas da dislexia tornam-se mais evidentes no contexto escolar, especialmente em atividades de leitura e escrita. Entre as manifestações observadas estão lentidão na execução de tarefas, erros frequentes decorrentes de pressa, compreensão limitada de textos e inadequação da fluência de leitura para a idade. Ischkanian (2011) destaca

que disléxicos frequentemente inventam, omitem ou trocam palavras, apresentam letra ilegível, esquecem rapidamente o que aprenderam e demonstram maior facilidade para expressar conhecimento oralmente. Esses padrões indicam a necessidade de práticas pedagógicas diferenciadas, que contemplem métodos multimodais de ensino, reforço fonológico e acompanhamento individualizado, promovendo inclusão e autonomia.

Estudantes disléxicos apresentam características socioemocionais e cognitivas que impactam seu aprendizado. Entre elas estão baixa autoestima, evasão da leitura em voz alta, dificuldade de concentração, impulsividade, timidez sob pressão, confusão espacial e temporal, lateralidade cruzada e sensibilidade sensorial elevada. Muitos têm pensamento visual e emocional mais desenvolvido do que o verbal, demonstrando grande criatividade e imaginação, mas dificuldade em organizar materiais e informações (Ischkanian, 2011). Essas particularidades reforçam a importância de estratégias pedagógicas que respeitem a diversidade cognitiva e promovam um ambiente escolar acolhedor e inclusivo.

Durante a faixa etária de seis a quinze anos, os sintomas podem se intensificar, refletindo não apenas dificuldades acadêmicas, mas também desafios comportamentais e emocionais. O aluno pode apresentar esquiva de tarefas escolares, atrasos na execução de atividades, frustração frequente, dificuldades em organizar informações e problemas de memória de curto e médio prazo. A intervenção pedagógica nessa fase deve ser estruturada e contínua, integrando recursos tecnológicos, metodologias ativas e estratégias de reforço individualizado, de forma a reduzir barreiras de aprendizagem e favorecer o desenvolvimento integral do estudante (Ischkanian, 2011; Vygotsky, 1978, 1988).

Na adolescência e na vida adulta, a dislexia tende a se manifestar de maneira mais sutil, porém ainda impacta a aprendizagem, a produção escrita, a organização e o planejamento de atividades complexas. É comum que indivíduos disléxicos apresentem dificuldades em leitura de textos longos, interpretação de informações, gestão de tempo e resolução de problemas que exigem sequenciamento lógico. Nessa etapa, o suporte educacional deve considerar estratégias de compensação, como uso de tecnologia assistiva, planejamento estruturado e técnicas de autocontrole, além do acompanhamento psicopedagógico contínuo (Vygotsky, 1978, 1988).

A abordagem de Vygotsky (1978, 1988) sobre linguagem, desenvolvimento e aprendizagem fornece embasamento teórico essencial para compreender os sintomas da dislexia em diferentes fases da vida. O autor enfatiza que o desenvolvimento cognitivo é mediado socialmente e que a linguagem desempenha papel central na construção do pensamento. A dislexia, ao afetar a decodificação e o processamento da linguagem escrita,

interfere diretamente nesse processo de mediação, reforçando a necessidade de estratégias pedagógicas que promovam interação, scaffolding e atividades diferenciadas que atendam às necessidades individuais de cada aluno.

O reconhecimento dos sintomas da dislexia exige do professor uma postura reflexiva, observadora e proativa, aliada à formação contínua em neuropsicopedagogia e educação inclusiva. A identificação precoce e o acompanhamento sistemático permitem intervenções mais efetivas, promovendo não apenas a aprendizagem da leitura e escrita, mas também o desenvolvimento socioemocional e cognitivo do estudante (Lima, 2012; Ischkanian, 2011; Vygotsky, 1978, 1988).

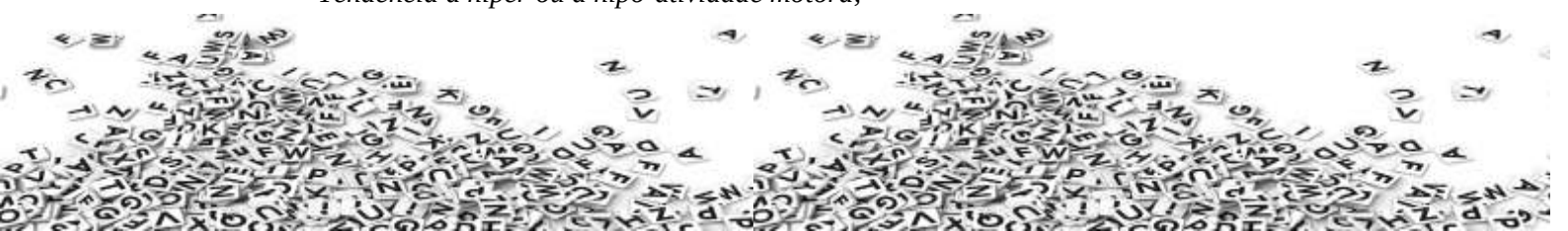
O entendimento dos sintomas ao longo da vida escolar permite ao educador adaptar práticas pedagógicas para favorecer a alfabetização, utilizando recursos visuais, auditivos e tecnológicos que potencializem a aprendizagem. Além disso, a integração entre família, escola e profissionais especializados é fundamental para criar um ambiente educativo inclusivo, seguro e estimulante, que valorize as capacidades individuais e minimize as dificuldades associadas à dislexia (Ischkanian, 2011; Vygotsky, 1988).

Os sintomas da dislexia se manifestam de forma diversa, variando desde atrasos motores e da fala na primeira infância até dificuldades complexas de leitura, escrita e organização na adolescência e vida adulta. Compreender essas manifestações, embasadas nas contribuições de Lima (2012), Ischkanian (2011) e Vygotsky (1978, 1988), é essencial para a implementação de práticas pedagógicas inclusivas que promovam a alfabetização e o desenvolvimento integral do estudante.

2.2.1. Dislexia na primeira infância

Na primeira infância, a dislexia pode se manifestar por diversos sinais que indicam atrasos ou dificuldades no desenvolvimento motor, cognitivo e socioemocional da criança. Entre os sintomas mais frequentes estão o atraso em etapas motoras básicas, como engatinhar, sentar e andar, bem como atraso ou deficiência na aquisição da fala, desde o balbucio até a pronúncia correta das palavras, (Ischkanian, 2011).

Atraso no desenvolvimento motor desde a fase do engatinhar, sentar e andar;
Atraso ou deficiência na aquisição da fala, desde o balbucio à pronúncia de palavras;
Dificuldade aparente para a criança entender o que está ouvindo;
Distúrbios do sono;
Enurese noturna;
Suscetibilidade à alergias e à infecções;
Tendência a hiper ou a hipo-atividade motora;



Choro recorrente e aparente inquietação ou agitação;

Dificuldades de adaptação nos primeiros anos escolares.

partir dos sete anos de idade:

Extrema lentidão ao fazer os deveres ou ocorrência de muitos erros nas tarefas pelo fato de terem sido feitas rapidamente;

Pobre compreensão do texto ou falta de leitura do que escreve;

Inadequação da fluência em leitura para a idade;

Invenção, acréscimo ou omissão de palavras ao ler e ao escrever;

Preferência por leitura silenciosa;

Letra mal grafada e, até, ininteligível; borrões ou ligação entre as palavras;

Omissão, acréscimo, troca ou inversão da ordem e da direção de letras e sílabas;

Esquecimento daquilo que aprendera muito bem, em poucas horas, dias ou semanas;

Maior facilidade, capacidade de bem transmitir o que sabe através de exames orais;

Grande imaginação e criatividade;

Capacidade de desligar-se facilmente de qualquer contexto;

Falta de concentração da atenção em um só estímulo;

Baixa autoimagem e autoestima; em geral, não gosta de ir à escola;

Esquiva de ler, especialmente em voz alta;

Dificuldade para lidar com as noções de espaço e tempo; sempre perde e esquece seus pertences;

Mudanças bruscas de humor;

Impulsividade e interrupção dos demais para falar;

Timidez, sob pressão, pode falar o oposto do que desejaria;

Confusão entre direita e esquerda, em cima e em baixo; na frente e atrás;

Lateralidade cruzada; muitos são canhestros e outros ambidestros;

Dificuldade para ler as horas, para sequências como dia, mês e estação do ano;

Boa memória longa, mas pobre memória imediata, curta e de médio prazo;

Pensamento por meio de imagem e sentimento, não com o som de palavras;

Extremamente desordenado, seus cadernos e livros são borrados e amassados;

Tolerância muito alta ou muito baixa à dor;

Muito sensível e emocional, busca sempre a perfeição que lhe é difícil atingir;

Dificuldades para andar de bicicleta, para abotoar, para amarrar o cordão dos sapatos;

Dificuldade extrema para manter o equilíbrio e fazer exercícios físicos;

Intolerância a muito barulho, o disléxico se sente confuso- desliga-se e age como se estivesse distraído nesse contexto.

A identificação precoce desses sintomas, como atraso em etapas motoras básicas e deficiência na aquisição da fala, é fundamental para que educadores e famílias possam intervir de maneira adequada, oferecendo suporte personalizado e estratégias pedagógicas adaptadas às necessidades da criança. Reconhecer esses sinais ainda na primeira infância permite o planejamento de atividades que estimulem o desenvolvimento global do aluno, promovam sua autonomia, fortaleçam a autoestima e reduzam possíveis impactos negativos no processo de aprendizagem futura (Ischkanian, 2011). A compreensão e a atuação proativa frente à dislexia nessa fase inicial são essenciais para garantir que a criança tenha acesso a uma educação inclusiva, equitativa e centrada em suas potencialidades, contribuindo para um percurso educativo mais eficiente e positivo.

2.2.2. Dislexia dos 6 anos ao 16 anos

A partir dos sete anos de idade, os sintomas tornam-se mais evidentes no contexto escolar, afetando diretamente o desempenho acadêmico. Crianças com dislexia podem demonstrar extrema lentidão na execução de deveres e cometer muitos erros devido à pressa, apresentar compreensão limitada de textos ou ausência de leitura do que escrevem e inadequação da fluência de leitura para sua faixa etária (Ischkanian, 2011). É comum a invenção, omissão ou acréscimo de palavras durante a leitura e a escrita, preferindo a leitura silenciosa. A caligrafia geralmente é irregular, ilegível ou apresenta borrões e ligações entre palavras, enquanto a ordem e direção de letras e sílabas podem ser invertidas ou trocadas.

Essas crianças frequentemente esquecem rapidamente conteúdos que aprenderam, demonstram maior facilidade em expressar conhecimentos oralmente, possuem imaginação e criatividade marcantes, mas dificuldade de manter a atenção em um único estímulo (Ischkanian, 2011). É comum apresentar baixa autoestima, resistência em ir à escola e esquiva em ler em voz alta. Outras manifestações incluem dificuldades em lidar com noções de espaço e tempo, impulsividade, mudanças bruscas de humor, confusão entre direita e esquerda, lateralidade cruzada, timidez sob pressão, dificuldade em ler horas e sequências temporais, bem como memória curta e média limitada em contraste com boa memória de longo prazo.

No plano motor e sensorial, observam-se dificuldades para andar de bicicleta, abotoar roupas, amarrar cadarços, manter o equilíbrio e realizar exercícios físicos. Crianças disléxicas podem apresentar tolerância à dor muito alta ou muito baixa, extrema sensibilidade emocional e busca excessiva por perfeição, o que nem sempre é alcançado (Ischkanian, 2011). O ambiente ruidoso causa confusão e distração, e muitas vezes a criança se desconecta do

contexto presente. A organização de cadernos e materiais escolares também é comprometida, sendo frequentemente borrados, amassados ou desordenados.

A dislexia entre os 6 e 16 anos pode ser compreendida como um processo evolutivo, no qual os sintomas e desafios se manifestam de forma diferenciada conforme a faixa etária, exigindo estratégias pedagógicas específicas em cada etapa.

Entre 6 e 8 anos, os sinais tornam-se mais evidentes no contexto escolar. As crianças frequentemente apresentam lentidão na execução de tarefas, muitos erros na escrita devido à pressa, dificuldade de compreensão de textos e inadequação da fluência na leitura em relação à idade. A invenção, omissão ou acréscimo de palavras durante a leitura e escrita é comum, assim como preferência pela leitura silenciosa. A caligrafia pode ser irregular, ilegível ou apresentar borrões, e a ordem de letras e sílabas frequentemente invertida. Nessa fase, é essencial que o professor utilize recursos visuais, atividades práticas e acompanhamento individualizado para favorecer a alfabetização e reduzir frustrações (Ischkanian, 2011).

Entre 9 e 12 anos, a dislexia se manifesta de forma mais complexa, envolvendo não apenas dificuldades acadêmicas, mas também aspectos socioemocionais e cognitivos. A criança pode apresentar esquiva de leitura em voz alta, baixa autoestima, resistência a ir à escola, impulsividade, dificuldades de concentração e problemas de memória de curto e médio prazo. Há também desafios relacionados à organização de materiais escolares, compreensão de noções de espaço e tempo e lateralidade cruzada. Nesse período, estratégias como reforço fonológico, atividades lúdicas e metodologias ativas tornam-se essenciais para o engajamento e a aprendizagem significativa.

Entre 13 e 16 anos, os sintomas se tornam mais sutis, mas ainda impactam o desempenho acadêmico e a vida cotidiana. Os adolescentes podem apresentar dificuldades em leitura de textos longos, compreensão de instruções complexas, organização do tempo, planejamento de tarefas e expressão escrita. A sensibilidade emocional permanece elevada, e a tendência à frustração aumenta diante de desafios acadêmicos. O uso de tecnologia assistiva, técnicas de estudo estruturadas, acompanhamento psicopedagógico e adaptação do currículo são estratégias importantes para apoiar o aprendizado e promover a inclusão.

Ao longo de toda a faixa etária dos 6 aos 16 anos, a dislexia envolve não apenas dificuldades de leitura e escrita, mas também questões motoras, cognitivas, emocionais e sensoriais (Ischkanian, 2011). O reconhecimento precoce e contínuo dos sinais permite ao professor e à família planejar intervenções adequadas, promover a autoestima, fortalecer a

autonomia do estudante e criar um ambiente escolar inclusivo, garantindo que o aprendizado seja significativo e respeite as potencialidades individuais.

Esses sinais evidenciam que a dislexia vai além de dificuldades de leitura e escrita, abrangendo aspectos motores, cognitivos, emocionais e sensoriais. Reconhecer esses sintomas permite ao professor adotar estratégias pedagógicas diferenciadas, utilizando recursos visuais, atividades práticas, reforço fonológico, atenção individualizada e adaptações no ambiente escolar. Tal abordagem favorece a aprendizagem significativa, respeita a singularidade da criança e contribui para o desenvolvimento integral do estudante.

2.2.3. Dislexia e adolescência

A adolescência representa um período de transição crucial na vida do estudante, marcado por mudanças físicas, cognitivas e emocionais significativas. Para adolescentes disléxicos, esses desafios podem se intensificar, pois as dificuldades de leitura, escrita e processamento linguístico tornam-se mais complexas e impactam diretamente a autonomia escolar e social. Ischkanian (2011) ressalta que, nesse período, os sintomas da dislexia tendem a se manifestar de maneira mais sutil em comparação à infância, mas ainda assim interferem no desempenho acadêmico, exigindo atenção especializada e estratégias pedagógicas diferenciadas para minimizar os efeitos negativos.

Entre os principais sinais da dislexia na adolescência está a dificuldade em compreender textos mais longos e complexos, o que limita o acesso a conteúdos curriculares avançados. Snowling e Stackhouse (2004) destacam que a dislexia nesse estágio envolve não apenas a decodificação da palavra, mas também a compreensão semântica e a organização do pensamento, refletindo a necessidade de intervenções que estimulem habilidades de leitura crítica e análise textual. Essa combinação de dificuldades cognitivas requer adaptação curricular, uso de recursos tecnológicos e metodologias ativas que promovam a aprendizagem significativa.

A escrita apresenta desafios igualmente complexos durante a adolescência. Os adolescentes disléxicos frequentemente demonstram dificuldades com a ortografia, coerência textual e organização das ideias. É comum a omissão, acréscimo ou inversão de palavras e letras, prejudicando a clareza da comunicação escrita (Ischkanian, 2011). Para Skinner (1965), essas dificuldades podem ser compreendidas à luz do comportamento aprendido, sugerindo que reforços positivos e estratégias de prática sistemática podem contribuir para a aquisição gradual de habilidades de escrita e para a construção de hábitos de estudo mais eficazes.

Muitos estudantes apresentam baixa autoestima, ansiedade diante de atividades de leitura e escrita e frustração recorrente com o desempenho escolar. Snowling e Stackhouse (2004) enfatizam que essas questões emocionais não apenas interferem na aprendizagem, mas também podem afetar as relações interpessoais e o engajamento social. A compreensão desses efeitos requer uma abordagem pedagógica que contemple apoio psicológico, mediação socioemocional e estratégias que promovam a inclusão e valorização das competências individuais.

O planejamento e a organização de tarefas tornam-se grandes desafios para adolescentes disléxicos. A memória de curto e médio prazo pode ser comprometida, dificultando a retenção de informações e a execução de atividades sequenciais. Ischkanian (2011) sugere que intervenções pedagógicas baseadas em recursos visuais, resumos estruturados e ferramentas digitais podem compensar essas dificuldades, oferecendo suporte para a aprendizagem e para a gestão do tempo e das atividades escolares.

A autonomia acadêmica é frequentemente limitada, pois a dislexia afeta a capacidade de estudar de forma independente e de planejar o próprio aprendizado. Quivy e Campenhoudt (2008) ressaltam que, na pesquisa em ciências sociais, a compreensão das dificuldades individuais deve ser baseada em observação detalhada e análise interpretativa dos contextos, reforçando a importância de intervenções personalizadas para cada adolescente. A individualização do ensino possibilita que o estudante desenvolva estratégias compensatórias e aumente a autoconfiança em tarefas acadêmicas.

A dislexia na adolescência pode impactar a capacidade de se expressar oralmente, principalmente em situações formais ou de avaliação. Ischkanian (2011) aponta que, embora muitos adolescentes disléxicos consigam articular ideias de forma clara verbalmente, o estresse escolar e a ansiedade podem dificultar a comunicação, exigindo práticas pedagógicas que valorizem a oralidade como forma de expressão e aprendizagem. Skinner (1965) sugere que reforços positivos e atividades graduais de exposição podem ajudar a reduzir a ansiedade e promover confiança na fala.

O uso de tecnologia assistiva emerge como uma estratégia central na adolescência. Recursos como softwares de leitura, aplicativos de correção ortográfica e ferramentas de organização de tarefas ajudam a minimizar as barreiras impostas pela dislexia, favorecendo o aprendizado independente e a participação ativa nas atividades escolares (Ischkanian, 2011). Snowling e Stackhouse (2004) destacam que o uso consciente dessas tecnologias não apenas facilita o acesso ao conteúdo, mas também contribui para a construção

de habilidades metacognitivas, permitindo ao adolescente monitorar e avaliar seu próprio progresso.

A socialização escolar também é impactada pela dislexia. Adolescente com dificuldades de leitura e escrita pode apresentar isolamento social ou resistência em participar de atividades que envolvam leitura em grupo. Ischkanian (2011) enfatiza que a inclusão efetiva requer estratégias de mediação pedagógica que promovam a cooperação entre pares, trabalhos em grupo adaptados e reconhecimento das competências individuais, valorizando a diversidade cognitiva e estimulando o engajamento social.

O acompanhamento contínuo e a avaliação formativa são essenciais para compreender a evolução do adolescente disléxico. Quivy e Campenhoudt (2008) destacam que a coleta sistemática de dados e a análise interpretativa permitem ao educador ajustar as intervenções pedagógicas de forma dinâmica, garantindo que o ensino seja ajustado às necessidades e progressos individuais do estudante, promovendo resultados mais efetivos ao longo do tempo.

É fundamental considerar que a dislexia na adolescência não é um indicativo de falta de inteligência ou capacidade acadêmica. Ischkanian (2011) e Snowling e Stackhouse (2004) ressaltam que, quando devidamente identificada e apoiada, a dislexia pode ser gerenciada por meio de estratégias pedagógicas adaptadas, reforços positivos e utilização de recursos tecnológicos, possibilitando que o adolescente desenvolva plenamente seu potencial acadêmico e socioemocional.

A dislexia na adolescência representa um desafio multifacetado que envolve aspectos acadêmicos, emocionais, cognitivos e sociais. A fundamentação teórica apresentada por Ischkanian (2011), Skinner (1965), Snowling e Stackhouse (2004) e Quivy e Campenhoudt (2008) evidencia que intervenções pedagógicas individualizadas, uso de tecnologia assistiva, reforço positivo e estratégias de inclusão social são essenciais para promover aprendizagem significativa, autoestima e desenvolvimento integral do estudante, garantindo que a dislexia seja compreendida e manejada de forma eficaz no contexto escolar.

2.2.4. Dislexia e vida adulta

A dislexia na vida adulta representa um desafio contínuo, que se manifesta de forma diferente em comparação à infância e adolescência, mas que mantém impactos significativos no desempenho acadêmico, profissional e social do indivíduo. Ischkanian (2011) destaca que adultos disléxicos frequentemente desenvolvem estratégias compensatórias para contornar as dificuldades de leitura e escrita, mas essas soluções não

eliminam completamente os obstáculos decorrentes do transtorno. O reconhecimento da dislexia em adultos é fundamental para a promoção de intervenções que possibilitem desempenho pleno nas atividades diárias e no mercado de trabalho.

Entre os desafios enfrentados por adultos disléxicos, a leitura de textos extensos e complexos é um dos mais evidentes. Vygotsky et al. (1988) indicam que a compreensão da linguagem escrita depende não apenas da decodificação, mas da integração de processos cognitivos superiores, como atenção, memória e raciocínio lógico. Em indivíduos com dislexia, essas habilidades podem apresentar limitações, exigindo adaptações no ambiente profissional, acadêmico e social para garantir que a informação seja processada de forma eficiente.

A escrita constitui outra área crítica. Adultos disléxicos podem apresentar dificuldades em ortografia, coerência textual, pontuação e organização de ideias. Ischkanian (2011) enfatiza que a escrita muitas vezes exige esforço adicional e pode levar a atrasos na entrega de tarefas ou à necessidade de revisão constante. Esses desafios tornam a aplicação de estratégias compensatórias, como softwares de correção ortográfica e apoio de revisores, essencial para a produtividade e a autoestima do indivíduo.

A memória de curto prazo e a capacidade de organizar informações sequenciais podem permanecer prejudicadas na vida adulta. Vygotsky (1978) ressalta que o desenvolvimento de funções psicológicas superiores está intrinsecamente ligado à mediação social e ao uso de ferramentas culturais, indicando que adultos disléxicos podem se beneficiar de recursos estruturados, como agendas eletrônicas, listas de tarefas e técnicas de planejamento, que auxiliem na organização do tempo e na execução de atividades complexas.

A dislexia também impacta o aprendizado contínuo e a aquisição de novas habilidades. Adultos disléxicos podem apresentar resistência a processos de capacitação que exigem leitura intensiva ou escrita extensiva, devido à frustração acumulada ao longo da vida escolar. Ischkanian (2011) aponta que intervenções pedagógicas e treinamentos adaptados, que utilizem multimodalidades de ensino e tecnologia assistiva, são fundamentais para garantir a inclusão e o desenvolvimento profissional desses indivíduos.

No contexto socioemocional, a dislexia pode gerar sentimentos de insegurança, ansiedade e baixa autoestima, especialmente quando comparada à performance de colegas sem dificuldades de aprendizagem. Vygotsky et al. (1988) destacam que a interação social é um fator central no desenvolvimento psicológico, indicando que a criação de ambientes de trabalho e sociais acolhedores, com suporte adequado, pode reduzir o impacto emocional negativo e favorecer a motivação e o engajamento do adulto disléxico.

A comunicação oral frequentemente se torna um ponto forte para adultos com dislexia, pois muitos conseguem expressar suas ideias com clareza verbalmente, compensando dificuldades na escrita. Ischkanian (2011) ressalta que a valorização dessas habilidades e a utilização de apresentações orais, reuniões interativas e discussões em grupo podem favorecer a participação ativa e a inclusão no ambiente profissional e acadêmico.

O acesso à informação digital surge como um recurso fundamental para adultos disléxicos. Ferramentas como leitores de texto, softwares de síntese vocal e aplicativos de organização permitem que o indivíduo contorne barreiras impostas pela leitura e escrita convencionais. Vygotsky (1978) reforça que o uso de ferramentas culturais mediadoras é essencial para o desenvolvimento de funções cognitivas superiores, possibilitando o aprendizado autônomo e a execução eficiente de tarefas complexas.

A dislexia na vida adulta também influencia a gestão financeira, preenchimento de formulários e compreensão de documentos oficiais. Ischkanian (2011) destaca que adultos disléxicos podem necessitar de apoio adicional em tarefas administrativas, planejamento financeiro e interpretação de textos legais ou técnicos, tornando o suporte profissional e a adaptação das exigências cotidianas estratégias essenciais para o desenvolvimento da autonomia.

A adaptação no ambiente de trabalho é outro aspecto crítico. Adultos disléxicos podem apresentar desempenho diferenciado em atividades que demandem leitura intensa ou escrita detalhada, mas geralmente demonstram criatividade, pensamento crítico e habilidades de resolução de problemas. Vygotsky et al. (1988) ressaltam que o desenvolvimento humano está fortemente ligado à capacidade de mediação e adaptação, o que evidencia a importância de ambientes inclusivos que reconheçam as potencialidades individuais e ofereçam recursos compensatórios.

O desenvolvimento de estratégias pessoais de aprendizagem é fundamental para a autonomia do adulto disléxico. Ischkanian (2011) aponta que a utilização de anotações estruturadas, mapas mentais, gravações e tecnologia assistiva pode contribuir significativamente para a eficiência no aprendizado e na execução de tarefas, reduzindo o impacto das limitações cognitivas e promovendo confiança e independência.

A dislexia na vida adulta demanda uma compreensão ampla que abranja aspectos acadêmicos, profissionais, emocionais e sociais. A fundamentação teórica apresentada por Ischkanian (2011) e Vygotsky (1978; 1988) evidencia que intervenções personalizadas, uso de tecnologia assistiva, estratégias compensatórias e criação de ambientes inclusivos são essenciais para promover aprendizagem contínua, desenvolvimento integral.

2.3. CARACTERÍSTICAS DA LEITURA DO DISLÉXICO

A leitura do disléxico apresenta características específicas que diferenciam esses estudantes daqueles com desenvolvimento típico da linguagem, impactando diretamente o processo de aprendizagem e exigindo atenção diferenciada do professor. Segundo Belchior et al. (2025), a criança disléxica demonstra dificuldades na decodificação das palavras, resultando em leituras lentas, hesitantes e com pausas frequentes, muitas vezes acompanhadas de erros de substituição, omissão ou inversão de letras e sílabas. Essa dificuldade não está relacionada à inteligência do estudante, mas sim a um processamento neurocognitivo diferenciado que compromete a fluência e a precisão na leitura.

Os disléxicos costumam apresentar uma compreensão textual limitada, mesmo quando conseguem decodificar corretamente as palavras. Ischkanian (2011) ressalta que a leitura pode se tornar mecânica, com pouca retenção do conteúdo lido, pois o esforço concentrado na decodificação sobrecarrega a memória de trabalho, comprometendo a assimilação de ideias e conceitos. Essa característica evidencia a necessidade de estratégias pedagógicas que integrem leitura guiada, resumos visuais e apoio multimodal, favorecendo a compreensão do texto e a aprendizagem significativa.

A psicopedagogia aponta que a leitura dos disléxicos tende a ser fragmentada, com a criança ou adolescente realizando saltos de palavras ou linhas, dificultando o encadeamento lógico das ideias (Belchior et al., 2025). O uso de marcadores visuais, cores e textos digitalizados com tecnologia assistiva pode auxiliar na orientação e manutenção da atenção durante a leitura, contribuindo para a construção de significado e para a redução da ansiedade associada à leitura em voz alta.

Cabral (2025) destaca que a inteligência emocional do estudante influencia diretamente a leitura e a motivação para se engajar nas atividades de aprendizagem. Adultos ou crianças disléxicas podem apresentar frustração, insegurança e medo de errar, o que reduz a prática da leitura e, consequentemente, limita a evolução de suas habilidades. Intervenções que promovam autoconfiança, reforço positivo e estratégias graduais de enfrentamento das dificuldades tornam-se essenciais para garantir avanços consistentes e a construção de competências de leitura efetivas.

A escrita associada à leitura também revela características marcantes, como caligrafia irregular, borrões, junção de palavras e dificuldade em segmentar silabas, interferindo na clareza e coerência textual. Ischkanian (2011) enfatiza que essa relação entre leitura e escrita reforça a necessidade de intervenções integradas, em que o desenvolvimento

da fonologia, a prática de leitura e a escrita guiada sejam trabalhados de maneira complementar, utilizando recursos tecnológicos e metodologias adaptadas.

No ambiente escolar, o impacto dessas dificuldades é significativo. Cabral (2023) salienta que alunos com dificuldades de aprendizagem, incluindo dislexia, se beneficiam do uso de tecnologias digitais como suporte pedagógico, permitindo a decodificação mais eficiente e o acesso facilitado aos conteúdos curriculares. Ferramentas como leitores de texto, audiobooks e softwares de escrita auxiliam na compensação das barreiras cognitivas e promovem autonomia e independência no processo de aprendizagem.

Belchior et al. (2025) explicam que a leitura em voz alta aumenta a ansiedade e a exposição ao erro, enquanto a leitura silenciosa permite ao estudante controlar o ritmo e reduzir a pressão emocional. Essa característica evidencia a importância de métodos pedagógicos que respeitem o ritmo individual e promovam estratégias de leitura adaptadas às necessidades do estudante.

A atenção e a memória de trabalho também influenciam diretamente a leitura do disléxico. Ischkanian (2011) destaca que a sobrecarga cognitiva durante a decodificação dificulta a retenção e a organização das informações, resultando em baixa compreensão e dificuldade de recordação do conteúdo lido. Atividades estruturadas, resumos visuais, esquemas e mapas conceituais podem atuar como suporte para ampliar a retenção e facilitar a compreensão do texto.

A leitura do disléxico é frequentemente intermitente, com pausas, regressões e relutância em avançar nas linhas do texto. Cabral (2025) sugere que o uso de metodologias ativas e gamificação da leitura, aliadas a estratégias multimodais, pode tornar o processo mais engajador, estimulando a prática frequente e reforçando a construção de competências de leitura e escrita de forma significativa e prazerosa.

A articulação entre leitura e compreensão também é comprometida, pois o disléxico tende a focar excessivamente na decodificação fonológica, deixando de interpretar nuances de sentido, inferências e relações lógicas entre frases. Belchior et al. (2025) defendem que intervenções psicopedagógicas devem incluir exercícios de compreensão de texto, discussão oral e exploração de significados, promovendo a integração entre decodificação, compreensão e reflexão crítica sobre a leitura.

A persistência das dificuldades de leitura ao longo do tempo exige acompanhamento contínuo, avaliação individualizada e planejamento pedagógico diferenciado. Ischkanian (2011) enfatiza que, com suporte adequado, os disléxicos podem desenvolver estratégias

compensatórias que permitem superar barreiras, manter desempenho acadêmico satisfatório e atingir autonomia na leitura e na escrita.

A leitura do disléxico apresenta características próprias, como lentidão, erros fonológicos, dificuldade de compreensão, baixa retenção de informações e impacto socioemocional. A fundamentação teórica de Belchior et al. (2025), Cabral (2023; 2025) e Ischkanian (2011) evidencia que intervenções psicopedagógicas, o uso de tecnologias assistivas e estratégias de aprendizagem diferenciadas são essenciais para promover a inclusão, a autonomia e o desenvolvimento integral do estudante, garantindo que ele possa acessar o conhecimento de maneira plena e significativa.

2.4. DISLEXIA DISFONÉTICA

A dislexia disfonética é um tipo específico de dislexia caracterizada por dificuldades na decodificação fonológica da linguagem escrita, em que o indivíduo apresenta grande dificuldade em associar sons às letras e sílabas correspondentes. Segundo Ischkanian (2011), crianças e adultos com dislexia disfonética costumam ler de maneira silábica, lenta e laboriosa, muitas vezes acertando palavras conhecidas por memória visual, mas errando consistentemente palavras novas ou complexas. Essa dificuldade fonológica compromete a fluência, a precisão da leitura e a compreensão textual, exigindo intervenções pedagógicas direcionadas e diferenciadas.

Cabral et al. (2025) ressaltam que a utilização de tecnologias na educação, como softwares de leitura, aplicativos de reforço fonológico e ferramentas digitais multimodais, pode favorecer a aprendizagem de alunos com dislexia disfonética, permitindo a prática sistemática da associação fonema-grafema e estimulando a autonomia no processo de leitura e escrita. A mediação tecnológica também possibilita que o estudante trabalhe de maneira individualizada, reforçando pontos críticos e acompanhando seu progresso de forma adaptativa.

No contexto do ensino, Cabral e Raimundo (2023a) destacam que a metodologia tradicional, centrada em leitura silenciosa e exercícios repetitivos de escrita, pode não atender às necessidades de disléxicos disfonéticos, pois não considera o ritmo lento de decodificação fonológica nem as dificuldades de memória de trabalho. Métodos ativos, que integram leitura, escrita e fala de forma interativa e lúdica, podem aumentar a motivação e facilitar a aquisição de habilidades de leitura e escrita.

A gamificação é outro recurso eficaz no trabalho com dislexia disfonética. Cabral, Souza, Espinoza Cabral, Assunção e Mendes (2024a) apontam que atividades gamificadas,

com desafios graduais e recompensas progressivas, tornam o aprendizado mais envolvente e permitem que o estudante pratique habilidades fonológicas repetidamente, reduzindo a ansiedade e fortalecendo a confiança em suas capacidades. Essa abordagem também auxilia na consolidação da memória fonológica e visual, promovendo maior precisão na leitura e escrita.

O uso de tecnologia assistiva, como a prancha de madeira estruturada para atividades pedagógicas descrita por Ischkanian (2021), oferece uma alternativa concreta para o ensino da decodificação fonológica, permitindo a manipulação de letras e sílabas de forma tátil e visual. Esse tipo de recurso auxilia no desenvolvimento da consciência fonológica, na organização do pensamento e na internalização das correspondências entre sons e letras, favorecendo a aprendizagem efetiva e inclusiva.

A dislexia disfonética exige estratégias pedagógicas integradas, que combinem métodos ativos, gamificação, tecnologia assistiva e atividades individualizadas. A fundamentação apresentada por Ischkanian (2011), Cabral et al. (2023a; 2024a; 2025) evidencia que, ao reconhecer e atender as necessidades específicas desse tipo de dislexia, o educador pode promover um ambiente inclusivo e estimulante, no qual o estudante desenvolve suas competências de leitura e escrita, supera dificuldades fonológicas e alcança maior autonomia no processo de aprendizagem.

2.5. DISLEXIA DISEIDÉTICA

A dislexia diseidética, conforme descrita por Ischkanian (2011), caracteriza-se pela dificuldade em reconhecer visualmente palavras já conhecidas, mesmo quando a criança possui habilidade fonológica adequada. Diferentemente da dislexia disfonética, que envolve problemas de decodificação fonológica, a diseidética se manifesta na leitura de palavras inteiras, sendo comum que o indivíduo leia lentamente, substitua palavras por outras semelhantes e apresente lapsos de memória visual. Essa dificuldade afeta diretamente a fluência de leitura, a ortografia e a compreensão textual, exigindo estratégias pedagógicas que valorizem a memória visual e o reconhecimento global das palavras.

Paixão et al. (2025) destacam que alunos com dislexia diseidética frequentemente demonstram talentos e potencialidades em outras áreas cognitivas, como criatividade, raciocínio lógico e habilidades artísticas. Reconhecer essas competências é fundamental para construir intervenções pedagógicas inclusivas, que não apenas compensam as dificuldades na leitura, mas também valorizam e fortalecem as habilidades individuais do estudante, promovendo autoestima e engajamento escolar.

As diretrizes internacionais de inclusão, como a Declaração de Salamanca da UNESCO (1994), reforçam a importância de práticas pedagógicas adaptadas para alunos com necessidades educativas especiais, incluindo aqueles com dislexia diseidética. O documento recomenda a criação de ambientes educativos flexíveis, recursos diferenciados e estratégias individualizadas para garantir o acesso equitativo ao currículo, enfatizando que cada estudante deve ser reconhecido em sua singularidade e potencialidades.

A integração da tecnologia na educação também se mostra essencial para alunos diseidéticos. Segundo a UNESCO (2017), ferramentas digitais podem oferecer suporte visual e interativo, permitindo a prática repetida e personalizada do reconhecimento de palavras, facilitando o desenvolvimento da leitura e da escrita. Softwares educativos, aplicativos de reforço ortográfico e recursos multimodais tornam o aprendizado mais acessível e envolvente, minimizando frustrações e fortalecendo a autonomia do estudante.

Cabral (2022) aponta que metodologias ativas no processo educativo, como atividades práticas, jogos educativos e problematização de conteúdos, podem favorecer alunos com dislexia diseidética, pois promovem a interação, o engajamento e a consolidação da memória visual. Essas práticas estimulam a aprendizagem significativa e possibilitam que o estudante associe conceitos e palavras de forma contextualizada, fortalecendo o reconhecimento global da linguagem escrita.

O desenvolvimento do pensamento crítico também desempenha papel importante no acompanhamento de disléxicos diseidéticos. Cabral (2025) ressalta que estratégias que incentivam análise, reflexão e construção de conhecimento auxiliam o aluno a superar barreiras cognitivas, integrando leitura, compreensão e raciocínio. A combinação de metodologias ativas, tecnologia assistiva e atividades de pensamento crítico cria um ambiente inclusivo, estimulante e alinhado às necessidades cognitivas do estudante.

Na prática pedagógica, é crucial que o professor identifique precocemente sinais da dislexia diseidética, como erros de leitura visual, trocas de palavras semelhantes, lentidão e dificuldade de ortografia. Intervenções baseadas em reforço visual, repetição sistemática, utilização de imagens associadas a palavras e leitura orientada contribuem para o desenvolvimento da fluência e da compreensão textual, permitindo que o estudante participe efetivamente das atividades escolares.

A colaboração entre professores, psicopedagogos e famílias é outro fator determinante para o sucesso do ensino de alunos diseidéticos. Paixão et al. (2025) destacam que o acompanhamento contínuo, o reforço positivo e a adaptação das atividades permitem que o aluno se sinta valorizado, reduzindo a ansiedade e aumentando a motivação para

aprender, enquanto os profissionais alinham estratégias pedagógicas coerentes com as necessidades do estudante.

A avaliação contínua é essencial para monitorar o progresso do aluno com dislexia diseidética. Observações sistemáticas, testes de reconhecimento de palavras, registros de leitura e escrita, bem como o uso de tecnologias para acompanhamento digital, permitem ajustar intervenções pedagógicas, promovendo avanços graduais e consistentes. Essa prática garante que o ensino seja individualizado, inclusivo e efetivo.

O impacto socioemocional da dislexia diseidética não deve ser subestimado. Ischkanian (2011) aponta que frustração, baixa autoestima e desmotivação são comuns entre esses estudantes, podendo afetar o comportamento e o rendimento escolar. Estratégias pedagógicas que promovam conquistas graduais, reforço positivo e valorização das competências individuais ajudam a minimizar esses impactos, favorecendo o bem-estar emocional e a construção de confiança do aluno.

O uso combinado de recursos tecnológicos, metodologias ativas e desenvolvimento do pensamento crítico evidencia que a intervenção educativa em dislexia diseidética deve ser multifacetada. Cabral et al. (2025) mostram que essa abordagem permite integrar diferentes dimensões da aprendizagem — visual, cognitiva, emocional e social —, resultando em uma prática pedagógica mais inclusiva e eficiente.

A dislexia diseidética exige uma intervenção pedagógica planejada, individualizada e multidimensional, que contemple memória visual, tecnologias assistivas, metodologias ativas e estímulo ao pensamento crítico. A fundamentação apresentada por Ischkanian (2011), Paixão et al. (2025), Cabral (2022; 2025) e UNESCO (1994; 2017) evidencia que, ao reconhecer as especificidades e potencialidades do aluno, é possível promover a inclusão, a autonomia e o desenvolvimento integral, garantindo que o estudante com dislexia diseidética possa superar dificuldades de leitura e escrita e alcançar sucesso acadêmico e pessoal.

2.6. COMPREENSÃO DA DISLEXIA E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A compreensão da dislexia e suas implicações no processo de alfabetização exige um olhar integrado que considere tanto os aspectos neurobiológicos quanto os pedagógicos e sociais envolvidos na aprendizagem. Trata-se de um transtorno específico de aprendizagem caracterizado por dificuldades na decodificação de palavras, na fluência leitora e na soletração, que não podem ser atribuídas à falta de inteligência ou de oportunidades

educativas (Ischkanian, 2011). Esses déficits afetam diretamente a construção do conhecimento escrito, tornando-se evidente durante o processo de alfabetização, quando o estudante é demandado a associar sons e letras, identificar palavras conhecidas e desenvolver estratégias de leitura e escrita.

Do ponto de vista pedagógico, a dislexia requer intervenções direcionadas, que vão além da simples repetição de conteúdos, e envolvem metodologias que respeitem o ritmo individual do aluno. Cabral et al. (2024b) destacam que o uso de narrativas cativantes e storytelling como estratégia de engajamento pode favorecer a aprendizagem significativa, permitindo que estudantes disléxicos construam conexões entre palavras, contextos e sentidos, aumentando a motivação e a compreensão textual. Essa abordagem não apenas auxilia na decodificação e na fluência, mas também promove a internalização de conceitos e melhora a retenção de informações.

A dislexia acarreta implicações emocionais e sociais importantes. A frustração com tarefas de leitura e escrita, associada a repetidos insucessos escolares, pode resultar em baixa autoestima, ansiedade e desmotivação, prejudicando o desenvolvimento integral do estudante (Ischkanian et al., 2022). O reconhecimento precoce desses sinais por professores e familiares é fundamental para a adoção de estratégias pedagógicas adequadas e para o suporte emocional necessário, prevenindo que o transtorno se transforme em barreira para o sucesso acadêmico e social do aluno.

A literatura aponta que o ensino inclusivo deve ser pautado em adaptações pedagógicas e no uso de tecnologias assistivas, capazes de oferecer suporte individualizado aos estudantes com dislexia. Ischkanian et al. (2022) enfatizam que ferramentas digitais podem auxiliar na leitura, na escrita e na organização do pensamento, permitindo que o aluno pratique a decodificação de palavras, realize atividades interativas e receba feedback imediato. Dessa forma, a tecnologia não substitui o papel do professor, mas potencializa estratégias de ensino diferenciadas, tornando o aprendizado mais acessível e prazeroso.

É essencial que o processo de alfabetização inclua práticas que favoreçam a compreensão e a produção textual, considerando o perfil de aprendizagem do estudante disléxico. Veras (2012) destaca que a dificuldade em processar a linguagem escrita impacta não apenas a leitura mecânica, mas também a capacidade de interpretar, organizar e expressar ideias de forma coerente. Intervenções pedagógicas precisam articular atividades de leitura guiada, escrita assistida, análise de textos e exercícios de vocabulário, fortalecendo gradualmente a competência comunicativa do aluno.

A formação docente desempenha papel central na efetivação dessas estratégias. Professores capacitados são capazes de identificar sinais precoces de dislexia, adaptar o conteúdo, utilizar recursos multimodais e implementar atividades de reforço fonológico e visual, além de estimular a reflexão e o pensamento crítico (Cabral et al., 2024b). A preparação docente envolve compreender o transtorno em suas múltiplas dimensões — cognitiva, emocional e social — e adotar práticas pedagógicas inclusivas que promovam equidade no aprendizado.

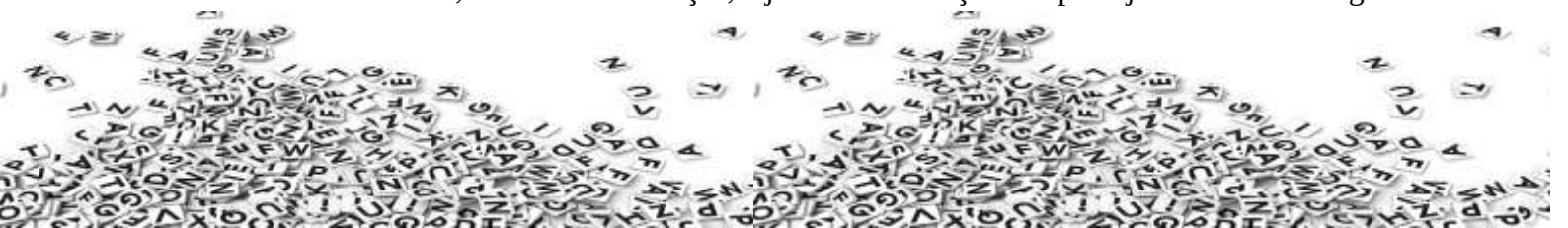
A personalização do ensino se mostra uma estratégia eficaz para minimizar as dificuldades da dislexia durante a alfabetização. O planejamento de atividades individualizadas, considerando o ritmo, os interesses e as dificuldades de cada aluno, permite desenvolver competências leitoras e escritoras de forma progressiva e motivadora. A combinação de métodos ativos, narrativas contextualizadas e tecnologias assistivas favorece a aprendizagem significativa e a autonomia do estudante, reforçando a confiança e o engajamento escolar (Ischkanian, 2011; Cabral et al., 2024b).

É relevante ressaltar que a dislexia não se limita a déficits isolados, mas interage com fatores afetivos, sociais e pedagógicos, evidenciando a necessidade de uma abordagem integral. A compreensão da linguagem, a aquisição de vocabulário, o desenvolvimento da memória visual e auditiva e a atenção são elementos interdependentes que impactam a alfabetização (Veras, 2012). Práticas educativas que favoreçam a integração dessas competências são essenciais para a promoção do sucesso escolar.

O contexto escolar deve proporcionar oportunidades de aprendizagem diversificadas, incluindo atividades de leitura compartilhada, jogos educativos, produção de textos e exercícios multimodais. Ischkanian et al. (2022) destacam que a combinação dessas práticas com recursos tecnológicos permite criar um ambiente estimulante e adaptado às necessidades do aluno disléxico, promovendo inclusão efetiva e favorecendo a participação plena nas experiências de aprendizagem.

O engajamento familiar constitui outro fator crítico na alfabetização de estudantes disléxicos. A colaboração entre escola e família possibilita acompanhamento contínuo, reforço positivo, suporte emocional e monitoramento do progresso, fortalecendo a autoestima e a motivação do aluno (Ischkanian, 2011). Pais e responsáveis capacitados para reconhecer sinais de dificuldade podem atuar como parceiros estratégicos, garantindo que o estudante receba apoio consistente em casa e na escola.

A avaliação contínua é fundamental para acompanhar o desenvolvimento do estudante disléxico, identificar avanços, ajustar intervenções e planejar novas estratégias



pedagógicas. Ferramentas de avaliação diversificadas, como observações sistemáticas, registros de desempenho, testes adaptados e monitoramento digital, permitem avaliar a fluência, a compreensão, a escrita e a expressão oral de forma integrada (Cabral et al., 2024b; Veras, 2012).

Compreender a dislexia e suas implicações na alfabetização exige articulação entre conhecimento neuropsicológico, estratégias pedagógicas inclusivas e apoio emocional. A fundamentação teórica apresentada por Ischkanian (2011), Cabral et al. (2024b) e Veras (2012) evidencia que intervenções planejadas, individualizadas e multimodais são essenciais para promover a aprendizagem significativa, fortalecer a autoestima e garantir que o estudante com dislexia alcance pleno desenvolvimento acadêmico, social e emocional.

2.7. CONTRIBUIÇÕES DA NEUROPSICOPEDAGOGIA PARA A IDENTIFICAÇÃO E INTERVENÇÃO

A neuropsicopedagogia contribui de maneira significativa para a identificação e intervenção em estudantes com dislexia, pois oferece uma abordagem interdisciplinar que integra conhecimentos da neurociência, psicologia e pedagogia. Essa perspectiva permite compreender os processos cognitivos envolvidos na aprendizagem, identificando como o cérebro processa informações, decodifica palavras e estabelece conexões entre a linguagem oral e escrita. Segundo Ischkanian (2011), a avaliação neuropsicopedagógica é um instrumento essencial para mapear dificuldades específicas, estilos de aprendizagem e potencialidades individuais, possibilitando intervenções precisas e personalizadas que respeitem o ritmo de cada estudante.

A neuropsicopedagogia enfatiza a importância de estratégias pedagógicas adaptadas, que vão desde exercícios fonológicos até atividades que envolvam recursos visuais, auditivos e táteis, promovendo uma aprendizagem multimodal. Veras (2012) reforça que o desenvolvimento das habilidades de leitura e produção textual depende não apenas do ensino formal, mas também do reconhecimento das particularidades cognitivas de cada aluno, o que permite a construção de competências de maneira gradual, estruturada e motivadora.

A formação contínua dos professores, que deve contemplar conhecimentos sobre os mecanismos da dislexia e técnicas de intervenção baseadas em evidências. Educadores capacitados são capazes de aplicar métodos diferenciados, identificar sinais precoces de dificuldade e promover um ambiente de aprendizagem inclusivo. Cabral (2023) destaca ainda a necessidade de considerar aspectos socioemocionais e contextuais, como o impacto do

cyberbullying e de situações de exclusão, que podem agravar os desafios enfrentados por estudantes com dificuldades de aprendizagem.

A neuropsicopedagogia também possibilita a integração de tecnologias educacionais e ferramentas digitais como aliadas no processo de ensino-aprendizagem. Softwares de leitura assistida, aplicativos de organização de tarefas e recursos interativos podem estimular a prática constante, reforçar a memória e favorecer a automonitorização do aluno, ampliando sua autonomia e autoestima (Cabral, 2023). Essa utilização consciente da tecnologia é coerente com os princípios inclusivos, garantindo que o estudante disléxico tenha acesso real ao conteúdo curricular e às oportunidades de aprendizagem.

A atuação do profissional neuropsicopedagogo envolve não apenas a aplicação de instrumentos de avaliação, mas também o acompanhamento contínuo do progresso do estudante, ajustando estratégias de intervenção conforme a evolução das habilidades cognitivas e socioemocionais. Ischkanian (2011) enfatiza que intervenções eficazes consideram o histórico escolar, o contexto familiar e as características individuais, promovendo uma abordagem integrada e humanizada que potencializa o desenvolvimento pleno do aluno.

Dentro do processo de alfabetização, a neuropsicopedagogia permite identificar dificuldades específicas na decodificação de palavras, na fluência da leitura e na escrita, além de déficits de atenção, memória e processamento fonológico (Veras, 2012). Essa análise detalhada possibilita a criação de planos de intervenção individualizados, orientados para a superação de obstáculos e o fortalecimento das competências linguísticas, cognitivas e socioemocionais do estudante.

A interdisciplinaridade que caracteriza a neuropsicopedagogia favorece o trabalho colaborativo entre professores, psicólogos, fonoaudiólogos e familiares, permitindo uma compreensão abrangente das necessidades do aluno. Essa articulação multidisciplinar é essencial para que intervenções educativas sejam eficazes e para que o estudante receba suporte consistente e contínuo, integrando aspectos acadêmicos, emocionais e sociais de sua aprendizagem (Ischkanian, 2011).

A identificação precoce da dislexia, por meio de instrumentos neuropsicopedagógicos, é crucial para prevenir consequências negativas na autoestima e no desenvolvimento acadêmico do estudante. A atuação antecipada permite que estratégias pedagógicas sejam aplicadas de forma personalizada, reduzindo a frustração e promovendo engajamento e motivação.

A avaliação neuropsicopedagógica também possibilita diferenciar a dislexia de outras dificuldades escolares ou transtornos de aprendizagem, evitando diagnósticos equivocados e intervenções inadequadas. Veras (2012) ressalta que compreender a origem das dificuldades é fundamental para planejar atividades que fortaleçam a leitura, a escrita e a compreensão textual, respeitando a singularidade de cada estudante.

A neuropsicopedagogia contribui para a criação de ambientes de aprendizagem inclusivos, promovendo adaptações curriculares, metodologias ativas e recursos tecnológicos que atendam às necessidades específicas dos disléxicos. Tais práticas fortalecem a autonomia, a autoestima e a capacidade de participação do aluno no contexto escolar.

A abordagem neuropsicopedagógica também favorece a avaliação contínua do progresso do estudante, permitindo ajustes nas estratégias de ensino, acompanhamento do desenvolvimento cognitivo e monitoramento do impacto das intervenções aplicadas. Vergara (2014) destaca que a sistematização e a análise crítica dos dados coletados garantem que a intervenção seja eficiente e orientada por evidências científicas.

A neuropsicopedagogia apresenta-se como um instrumento indispensável para compreender a dislexia, identificar suas manifestações, planejar intervenções individualizadas e promover o desenvolvimento integral do estudante. Integrando avaliação, estratégias pedagógicas, tecnologias assistivas e suporte emocional, essa abordagem permite uma atuação educativa mais precisa, inclusiva e efetiva, garantindo que o aluno disléxico alcance progresso acadêmico e bem-estar socioemocional.

2.8. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS E ESTRATÉGIAS MULTIMODAIS NA ALFABETIZAÇÃO

A promoção de práticas pedagógicas inclusivas na alfabetização é um elemento central para garantir que estudantes com dislexia tenham oportunidades reais de aprendizagem e participação no contexto escolar. Ischkanian (2011) destaca que essas práticas devem ser acessíveis, flexíveis e diversificadas, permitindo que cada criança seja atendida em suas particularidades cognitivas, emocionais e sociais. O uso de recursos visuais, como imagens, mapas conceituais e esquemas, contribui para a representação das informações, enquanto ferramentas tecnológicas, como softwares educativos e aplicativos interativos, favorecem a autonomia e estimulam o interesse do aluno, criando caminhos alternativos de aprendizagem que respeitam seu ritmo.

Estratégias fonológicas e jogos educativos são fundamentais para reforçar habilidades de leitura e escrita, permitindo que o estudante pratique de maneira lúdica a

decodificação, a fluência e a compreensão textual (Ischkanian, 2011). A leitura compartilhada, por sua vez, promove interação, reforço da oralidade e estímulo à troca de ideias, enquanto materiais adaptados — incluindo letras ampliadas, cores diferenciadas e suportes táteis — tornam o aprendizado mais acessível e significativo. Cabral (2025) reforça que a combinação dessas abordagens contribui para o engajamento do aluno e para a redução da frustração que frequentemente acompanha dificuldades de aprendizagem.

As metodologias ativas, como problematização, projetos colaborativos e aprendizagem baseada em jogos, permitem que o estudante construa conhecimento de forma participativa e experiencial, valorizando múltiplas formas de expressão e de raciocínio (Ischkanian, 2011). Tais estratégias multimodais, que articulam linguagem oral, escrita, visual e manipulativa, favorecem a consolidação da aprendizagem e fortalecem a compreensão dos conceitos, ao mesmo tempo em que promovem a autonomia do aluno.

A escuta ativa e o acolhimento emocional são componentes imprescindíveis da pedagogia inclusiva, pois estudantes com dislexia podem apresentar baixa autoestima, ansiedade e desmotivação diante de dificuldades acadêmicas. Veras (2012) enfatiza que o professor deve observar sinais de frustração ou insegurança, incentivando o estudante a expressar suas dificuldades, reconhecendo esforços e conquistas, o que contribui para o fortalecimento do vínculo afetivo e do engajamento escolar.

A articulação entre escola e família é outro ponto essencial. O acompanhamento conjunto entre professores, familiares e profissionais especializados permite identificar avanços, ajustar estratégias pedagógicas e criar um ambiente coerente, seguro e estimulante para o desenvolvimento do estudante. Essa parceria é fundamental para manter continuidade nas práticas educativas, reforçar aprendizagens em casa e garantir que intervenções sejam contextualizadas às necessidades do aluno.

As estratégias multimodais também favorecem a diversidade cognitiva, atendendo tanto a estudantes com dislexia quanto àqueles que apresentam diferentes estilos de aprendizagem, promovendo um ambiente alfabetizador inclusivo e equitativo (Ischkanian, 2011). A alternância entre atividades práticas, leituras, produções escritas e uso de tecnologias cria oportunidades de aprendizado significativas, adaptadas aos diferentes ritmos e formas de processamento de informações.

A avaliação contínua desempenha papel complementar no processo inclusivo, pois permite ao professor monitorar o progresso do aluno, identificar lacunas de aprendizagem e ajustar as estratégias pedagógicas de acordo com os resultados observados (Ischkanian, 2011). A flexibilidade e a capacidade de adaptação do ensino são cruciais para atender às

necessidades de cada estudante, respeitando sua singularidade e garantindo que os objetivos de alfabetização sejam alcançados de forma eficaz.

A implementação de práticas pedagógicas inclusivas contribui não apenas para o desenvolvimento acadêmico, mas também para o fortalecimento das competências socioemocionais do aluno, como autoestima, resiliência, autonomia e capacidade de trabalhar em grupo. Essa abordagem reconhece que o aprendizado vai além do domínio técnico da leitura e escrita, abrangendo habilidades sociais, emocionais e cognitivas, essenciais para a formação integral do indivíduo.

O planejamento das aulas deve considerar a diversidade presente na turma, incorporando recursos multimodais que atendam a diferentes estilos de aprendizagem, níveis de desenvolvimento e ritmos individuais (Ischkanian, 2011). Essa abordagem previne a exclusão e promove uma cultura de valorização da diferença, estimulando a participação de todos os estudantes e fortalecendo a cooperação e o respeito mútuo.

As tecnologias digitais se destacam como aliadas no processo de alfabetização inclusiva, permitindo a personalização do ensino, o acompanhamento do desempenho e a criação de ambientes de aprendizagem motivadores. Softwares educativos, jogos interativos e plataformas de leitura digital oferecem feedback imediato e possibilitam exercícios repetitivos e graduais, promovendo a consolidação da leitura e da escrita em estudantes disléxicos.

A aplicação de metodologias ativas e recursos multimodais também permite ao professor diferenciar conteúdos, tarefas e formas de avaliação, garantindo que todos os alunos tenham oportunidades equivalentes de demonstrar suas competências (Vergara, 2014). Essa diferenciação pedagógica favorece o engajamento, a motivação e a aprendizagem significativa, reforçando a ideia de que a inclusão não se limita à presença física do aluno na sala, mas à participação efetiva em todas as etapas do processo educativo.

As práticas pedagógicas inclusivas e estratégias multimodais representam caminhos essenciais para a alfabetização de estudantes com dislexia, promovendo aprendizado adaptado, autonomia, engajamento e bem-estar socioemocional.

A combinação de recursos tecnológicos, metodologias ativas, materiais adaptados e atenção ao aspecto emocional do aluno cria um ambiente alfabetizador capaz de atender às singularidades de cada estudante, assegurando que todos tenham acesso ao conhecimento de forma equitativa e significativa.

2.9. ESTRATÉGIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL I E II.

O processo de alfabetização de estudantes do Ensino Fundamental I e II apresenta desafios significativos, exigindo do professor uma compreensão aprofundada sobre as diferentes formas de aprendizagem e sobre as necessidades específicas de cada aluno. A identificação precoce das dificuldades, aliada ao uso de estratégias pedagógicas adequadas, é essencial para garantir que todos os estudantes desenvolvam habilidades de leitura e escrita de maneira consistente e significativa. Segundo Ischkanian (2011), reconhecer que cada criança possui um ritmo próprio e modos distintos de processamento cognitivo permite ao educador adaptar suas práticas, promovendo um aprendizado mais inclusivo e eficaz.

As estratégias de alfabetização devem ser diversificadas e flexíveis, considerando que cada estudante apresenta potencialidades e desafios únicos. A utilização de recursos multimodais — que integram elementos visuais, auditivos, táteis e digitais — contribui para a compreensão do conteúdo, tornando a aprendizagem mais significativa. Ischkanian (2011) destaca que o uso de materiais concretos, jogos educativos e atividades práticas favorece o engajamento e a participação ativa do aluno, permitindo que ele vivencie o processo de alfabetização de forma lúdica e contextualizada.

O planejamento pedagógico desempenha papel central na implementação de estratégias eficazes. Ao analisar o perfil de cada estudante, o professor pode organizar atividades diferenciadas, estabelecendo metas de aprendizagem realistas e ajustando o nível de complexidade de acordo com as capacidades individuais. Ischkanian (2011) enfatiza que a personalização do ensino contribui para reduzir a frustração, aumentar a motivação e fortalecer a autoestima do aluno, aspectos fundamentais para o sucesso escolar.

A prática da leitura compartilhada é uma estratégia eficaz para estimular a compreensão textual e a fluência leitora. Durante essa atividade, o professor e o estudante leem juntos, discutindo o conteúdo e relacionando-o a experiências prévias do aluno. Essa abordagem permite a identificação de dificuldades na decodificação e compreensão, além de favorecer a construção de significado a partir do texto.

O ensino da escrita deve ser abordado de maneira estruturada e progressiva, considerando a relação entre fonema e grafema. Ischkanian (2011) ressalta que exercícios fonológicos, ditados graduais e produção textual orientada auxiliam os estudantes a internalizar a correspondência entre sons e letras, fortalecendo a alfabetização inicial e prevenindo dificuldades futuras.

Estratégias que envolvem a tecnologia educacional ampliam as possibilidades de aprendizagem e favorecem a inclusão. Ferramentas digitais, softwares educativos, jogos interativos e plataformas de apoio à leitura e escrita podem ser utilizados para adaptar o ensino às necessidades individuais. Ischkanian (2011) afirma que a tecnologia, quando utilizada de forma planejada, facilita a prática repetitiva, o acompanhamento do progresso e a personalização do ensino, fortalecendo a autonomia e o engajamento dos estudantes.

O ensino estruturado e sistemático, aliado a metodologias ativas, é fundamental para desenvolver competências cognitivas de forma eficiente. Atividades que estimulam o pensamento crítico, a resolução de problemas e a reflexão sobre a aprendizagem promovem o protagonismo do aluno, incentivando-o a participar ativamente do processo educacional. Segundo Ischkanian (2011), metodologias que combinam teoria e prática aumentam a retenção do conhecimento e permitem que os estudantes consolidem habilidades de forma mais significativa.

A avaliação contínua e formativa é uma estratégia essencial no processo de alfabetização, pois permite ao professor monitorar o progresso individual e ajustar intervenções pedagógicas de acordo com as necessidades observadas. Ischkanian (2011) destaca que o acompanhamento sistemático possibilita identificar dificuldades antes que se consolidem, promovendo ações preventivas e direcionadas que fortalecem a aprendizagem. Essa avaliação deve ser diversificada, contemplando observações, registros, produções escritas e atividades orais.

A atenção ao desenvolvimento socioemocional do aluno é outra dimensão importante das estratégias de alfabetização. O reconhecimento das conquistas, o incentivo à persistência diante das dificuldades e a valorização da singularidade de cada estudante contribuem para o fortalecimento da autoestima e da motivação. De acordo com Ischkanian (2011), o ambiente escolar deve ser acolhedor, permitindo que os estudantes se sintam seguros para explorar, experimentar e aprender sem medo de cometer erros.

A integração entre família e escola fortalece as estratégias de alfabetização, pois a colaboração permite que o aprendizado se estenda para além da sala de aula. Pais e responsáveis podem participar do acompanhamento das atividades, oferecendo apoio e estímulo à prática da leitura e escrita em casa. Ischkanian (2011) ressalta que a parceria escola-família promove continuidade, reforço positivo e maior envolvimento do estudante no processo de aprendizagem, potencializando os resultados educacionais.

A utilização de atividades lúdicas e criativas é uma estratégia que favorece a aprendizagem significativa e o engajamento do aluno. Jogos, dramatizações, storytelling e

projetos interdisciplinares tornam o processo de alfabetização mais motivador e estimulante, permitindo que os estudantes experimentem diferentes formas de expressão e desenvolvam competências variadas. Ischkanian (2011) enfatiza que o uso do lúdico contribui para consolidar conceitos, facilitar a memorização e tornar o aprendizado mais prazeroso.

Simone Helen Drumond Ischkanian (2025) destaca que as "Estratégias pedagógicas fundamentadas na consciência fonêmica e na relação grafema-fonema, quando articuladas com práticas lúdicas, avaliação diagnóstica contínua e formação docente qualificada, consolidam uma alfabetização efetiva e significativa." e evidencia que "A promoção de atividades que desenvolvam a consciência fonêmica contribui para a formação de leitores e escritores autônomos, críticos e motivados, preparados para interagir de forma competente com diferentes gêneros textuais e situações comunicativas."

Gladys Nogueira Cabral (2025) enfatiza que "O pensamento crítico é frequentemente definido como a habilidade de analisar, avaliar e formular opiniões fundamentadas" e ressalta que "Incorporar recursos digitais e plataformas online que promovam a interatividade e a colaboração entre os estudantes pode ajudar a ampliar as oportunidades de análise e reflexão crítica, favorecendo a construção de novos saberes e o desenvolvimento de habilidades essenciais à aprendizagem."

Sandro Garabed Ischkanian (2025) aponta que "O Método de Portfólios Educacionais SHDI é uma estratégia facilitadora de aprendizado para crianças com diferentes deficiências" e evidencia que "Essa abordagem permite ao professor acompanhar o progresso individualizado de cada aluno, promovendo intervenções pedagógicas mais precisas e eficazes."

Idênis Glória Belchior (2025) afirma que "A influência do neurodesenvolvimento infantil na aprendizagem da leitura é determinante para o sucesso escolar" e evidencia que "Práticas pedagógicas inclusivas, alinhadas ao desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, favorecem a alfabetização e fortalecem a autoestima dos estudantes."

Silvana Nascimento de Carvalho (2025) destaca que "A utilização de estratégias de alfabetização e letramento em sala de aula é essencial para atender às necessidades individuais dos alunos" e reforça que "Metodologias diversificadas, centradas no aluno, promovem a participação ativa e a construção de significados durante o processo de ensino-aprendizagem."

Rosimery Mendes Rodrigues (2025) evidencia que "Parcerias entre escolas e profissionais da saúde são fundamentais para a prevenção e cuidados relacionados ao

desenvolvimento infantil" e aponta que "Esses diálogos intersetoriais fortalecem a intervenção pedagógica, garantindo suporte emocional e cognitivo aos estudantes."

Gabriel Nascimento de Carvalho (2025) enfatiza que "Estratégias e potenciais para alunos com dificuldades de aprendizagem devem ser constantemente adaptadas ao contexto escolar" e evidencia que "A individualização do ensino, aliada à monitorização contínua, permite identificar lacunas de aprendizagem e propor atividades que promovam o desenvolvimento integral do estudante."

Neusa Venditte (2025) afirma que "A importância da aprendizagem de idiomas e os podcasts como ferramentas tecnológicas e de apoio nesse processo contribuem para o engajamento dos alunos" e evidencia que "O uso de recursos multimodais promove autonomia, facilita a compreensão e amplia a possibilidade de experiências significativas na alfabetização."

As estratégias pedagógicas voltadas à alfabetização de estudantes do Ensino Fundamental I e II devem ser diversificadas, inclusivas e adaptadas às necessidades individuais. A combinação de recursos multimodais, metodologias ativas, tecnologia educacional, avaliação contínua e atenção ao aspecto socioemocional favorece um processo de aprendizagem mais eficiente e significativo. Conforme destacado por Ischkanian (2011), a implementação dessas estratégias contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes, promovendo competências cognitivas, emocionais e sociais, fortalecendo sua autonomia e garantindo um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor.

3. CONCLUSÃO

O processo de alfabetização de estudantes do Ensino Fundamental I e II é um campo complexo e desafiador, que exige atenção às diferentes formas de aprender e às necessidades específicas de cada criança. A compreensão das particularidades de cada aluno possibilita que o professor adapte suas práticas pedagógicas, tornando o aprendizado mais significativo e eficaz. Reconhecer que cada estudante possui um ritmo próprio e modos distintos de processamento cognitivo é fundamental para promover um ensino inclusivo e de qualidade, capaz de atender tanto alunos típicos quanto aqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem.

A inclusão de práticas pedagógicas diversificadas contribui para a criação de ambientes de aprendizagem mais acolhedores e estimulantes, onde todos os alunos se sentem valorizados. A adoção de estratégias multimodais permite combinar diferentes linguagens e

formas de expressão, promovendo a participação ativa dos estudantes. Essa abordagem amplia as possibilidades de compreensão, engajamento e retenção do conteúdo, favorecendo a construção do conhecimento de maneira mais sólida e duradoura.

O papel do professor vai além da transmissão de conhecimento: ele é mediador, orientador e facilitador do processo de aprendizagem. Para atender às demandas de alunos com diferentes perfis, é necessário investir em formação continuada, conhecimento de metodologias ativas e recursos tecnológicos. Essa preparação garante que os educadores estejam aptos a identificar dificuldades, planejar intervenções pedagógicas adequadas e estimular a autonomia e a criatividade dos estudantes.

A promoção de práticas inclusivas fortalece não apenas o desempenho acadêmico, mas também aspectos socioemocionais dos alunos. A valorização da singularidade, o reconhecimento das conquistas e o incentivo constante contribuem para o aumento da autoestima, da motivação e da confiança dos estudantes. Um ambiente escolar positivo e respeitoso proporciona condições para que os alunos enfrentem desafios de forma resiliente e desenvolvam habilidades importantes para a vida cotidiana e o convívio social.

A integração entre escola, família e comunidade é essencial para potencializar os resultados do processo de alfabetização. A participação familiar no acompanhamento do aprendizado, aliada a estratégias pedagógicas consistentes, fortalece a relação afetiva e o compromisso com a educação. Essa colaboração possibilita que o estudante receba apoio contínuo, vivencie experiências de aprendizagem coerentes e construa uma base sólida para o desenvolvimento acadêmico e pessoal.

O uso de tecnologias educacionais se apresenta como um recurso valioso para ampliar as possibilidades de ensino. Plataformas digitais, jogos educativos e materiais interativos favorecem o engajamento dos alunos, permitindo que experimentem diferentes formas de aprender. A tecnologia, quando aliada a estratégias pedagógicas bem planejadas, promove um ensino mais dinâmico, estimulante e adaptado às necessidades individuais, favorecendo a construção de conhecimento de forma contextualizada e significativa.

As metodologias ativas, que incentivam a participação, o protagonismo e a resolução de problemas, oferecem oportunidades de aprendizagem mais efetivas. Ao integrar práticas colaborativas, trabalhos em grupo e atividades práticas, o aluno é colocado no centro do processo educacional, desenvolvendo autonomia, pensamento crítico e habilidades de comunicação. Essa abordagem valoriza a experiência do estudante, tornando o aprendizado mais relevante e conectado à realidade.

A diversidade em sala de aula não deve ser vista como um obstáculo, mas como uma oportunidade para inovar, enriquecer o processo pedagógico e estimular a criatividade. Estratégias inclusivas e diferenciadas promovem equidade no acesso ao conhecimento, garantindo que cada aluno, independentemente de seu perfil, tenha condições de atingir seu potencial máximo. O respeito às diferenças e a adaptação contínua do ensino são fundamentais para consolidar uma educação justa e transformadora.

Os desafios presentes no processo de alfabetização podem ser enfrentados de forma positiva quando há integração entre práticas pedagógicas inclusivas, estratégias multimodais, atenção às necessidades individuais e participação efetiva da comunidade escolar. O resultado é um ambiente de aprendizagem mais acolhedor, estimulante e eficaz, capaz de desenvolver competências cognitivas, socioemocionais e criativas, promovendo o sucesso escolar e a formação integral dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ABD. Associação Brasileira de Dislexia**. Dislexia: definição, diagnóstico e intervenção**. São Paulo: ABD, 2016.

BELCHIOR, Idênis Glória; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; CARVALHO, Silvana Nascimento de; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; SANTOS, Wilson Bezerra dos; OLIVEIRA E SILVA, Vanessa Michelle da Silva. **A psicopedagogia como ferramenta de inclusão e desenvolvimento na educação infantil**. 2025. Disponível em: https://independent.academia.edu/SimoneDrumondIschkanian. Acesso em: 07 out. 2025.

CABRAL, G. N. **A importância da aprendizagem de idiomas e os podcasts como ferramentas tecnológicas e de apoio nesse processo. In: Psicologia, tecnologias e educação: reflexões contemporâneas.** v. III. (Org) Gladys Nogueira CABRAL; Joselita Silva Brito RAIMUNDO,3. Ed. Alegrete: Terried, 2023, p. 53-75. ISBN 978-65-84959-26-2. Disponível em:https://03aaa5d3-1809-4d80-ba2c-5513b2bdae61.usrfiles.com/ugd/03aaa5_e01eddd10e224173a71a8408b289a3ab.pdf. Acesso em: 09 out. 2025.

CABRAL, G. N. A **Importância das Tecnologias Digitais na Formação de Professores de Idiomas: metodologias e recursos para facilitar a compreensão e a aprendizagem.** v. 1., 1ª ed. São Paulo: Editora Dialética, 2025. 181p. ISBN-13: 978-6527044789. Disponível em: https://www.amazon.com.br/Import%C3%A2ncia-Tecnologias-Digitais-Forma%C3%A7%C3%A3o-Professores-ebook/dp/B0F9X54F5Y. Acesso em: 09 out. 2025.

CABRAL, G. N. **A influência da inteligência emocional no controle das emoções do indivíduo no ambiente de trabalho.** Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2025.70 p. Disponível em:https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/973071/2/A%20influ%c3%aancia%20da%20intelig%c3%aancia%20emocional.pdf. Acesso em: 25 jun. 2025.

CABRAL, G. N. **A Psicologia e a saúde mental em alunos com dificuldades de aprendizagem: proposta de intervenção com uso da tecnologia.** In: Psicologia, tecnologias e educação: novas perspectivas, v. II. (Org.) Gladys Nogueira Cabral: Joselita Silva Brito Raimundo, 2ªed. Alegrete, RS: Editora Terried, 2023. Disponível em: https://03aaa5d3-1809-4d80-ba2c-5513b2bdae61.usrfiles.com/ugd/03aaa5_62a44e1f54c54ac38fbc8c8a20213a3d.pdf#page=11.00. Acesso em: 09 out. 2025.

CABRAL, G. N. **As metodologias ativas no processo educativo.** In: D. A. DOS SANTOS; H.C. O. DA COSTA (Org.). Educação e Aprendizagem: Abordagens Baseadas em Evidências. 1ed. Itapiranga, SC:SCHREIBEN, v. 1, p. 114-122. 2022. Disponível em: https://www.editoraschreiben.com/_files/ugd/e7cd6e_7d8f36d2e0dc4464bf8bc3e861d5bf41.pdf. Acesso em: 09 out. 2025.

CABRAL, G. N. **Benefícios e estratégias do pensamento crítico: O caminho para um raciocínio mais eficaz.** In: Unindo Saberes: Caminhos para o desenvolvimento do pensamento crítico, formação e inovação educacional, v.2. Gladys Nogueira Cabral (org.). Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2025. 174 p

CABRAL, G. N. **O impacto do cyberbullying no ambiente educativo: desafios e estratégias de intervenção na abordagem psicoeducativa.** In: Psicologia, tecnologias e educação: novas perspectivas, v. II. (Orgs.). Gladys Nogueira Cabral: Joselita Silva Brito Raimundo. 2ª ed. Alegrete, RS: Editora Terried. 2023, p. 63-86. ISBN: 978-65-84959-22-4. Disponível em:https://03aaa5d3-1809-4d80-ba2c-5513b2bdae61.usrfiles.com/ugd/03aaa5_62a44e1f54c54ac38fbc8c8a20213a3d.pdf#page=11.00. Acesso em: 09 out. 2025.

CABRAL, G. N.; ESPINOZA CABRAL, S. L.; DA SILVA, D. R.; SILVA, S. B. P. E; OLIVEIRA, E. M. C.; FERREITRA, R. S.; ESPINOZA VIDAL, J. C. **Narrativas que cativam: storytelling como ferramenta de engajamento para promover a aprendizagem significativa.** In: Tecnologias emergentes e metodologias ativas em foco: construindo vias alternativas para o conhecimento. Volume III. (Org.). Gladys Nogueira Cabral. Itapiranga: Schreiben, 2024b.169 p.

CABRAL, G. N.; ISCHKANIAN, S. H. D.; DA SLIVA, D. R.; PRADO, M. J. C.; VIEIRA, N. M. C.; DE ALMEIDA, R. C. G.; OLIVEIRA, I. da S. **Tecnologias na educação: ferramentas digitais como aliadas na aprendizagem de alunos típicos e atípicos.** In: Unindo Saberes: Caminhos para o desenvolvimento do pensamento crítico, formação e inovação educacional, v. 2. Gladys Nogueira Cabral (Org.). Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2025. 174p. ISBN 978-65-6009-159-7. Disponível em: Unindo Saberes: Caminhos para o desenvolvimento do pensamento crítico, formação e inovação educacional - Volume 2. Acesso em: 09 out. 2025.

CABRAL, G. N.; RAIMUNDO, J. S. B. **O método tradicional de ensino e as metodologias ativas: vantagens e desvantagens no processo de ensino e aprendizagem.** In: Psicologia, tecnologias e educação: reflexões contemporâneas, v. III. (Orgs.). Gladys Nogueira Cabral; Joselita Silva Brito Raimundo. 3ª ed. Alegrete: Terried, 2023a, 169 p.

CABRAL, G. N.; SOUZA, A. S.; ESPINOZA CABRAL, S. L. ASSUNÇÃO, D. B. DE; MENDES, R. C. M. B. (2024a). **Explorando os benefícios da gamificação na educação: tornando o aprendizado mais divertido. In: Tecnologias emergentes e metodologias ativasem foco: construindo vias alternativas para o conhecimento.** Volume II. (Org). Gladys Nogueira Cabral. Itapiranga: Schreiben, 141 p. Doi: 10.29327/5384337.1-3

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ISCHKANIAN, S. H. D. **Tecnologia assistiva (TA) - Prancha de madeira estruturar para atividades pedagógicas.** 2021. Disponível em: https://autismosimonehelendrumond.blogspot.com/2021/07/metodo-de-portfolios-educacionais-shdi_28.html. Acesso em: 09 out. 2025.

ISCHKANIAN, S. H. D.; CABRAL, G. N.; DE SOUZA, A. S.; MORAES, M. I. da S.; GARABED ISCHKANIAN, S.; DE CARVALHO, G. N**. Educação, tecnologia e inclusão: contorno e entorno nas formas de ensinar e aprender.** In: Educação, tecnologia e inclusão: desafios antigos e contemporâneos. (Orgs.). G. de O. dos S. OLIVEIRA; H.C.O. da COSTA. Itapiranga: Schreiben, 2022., 140 p. Disponível em: https://pt.slideshare.net/slideshow/educao-tecnologia-e-incluso-desafios-antigos-e-contemporneos/255592081#2. Acesso em: 10 out. 2025.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. **A Dislexia e as dificuldades de disléxicos.** 2011. Disponível em: https://pt.slideshare.net/slideshow/a-dislexia-e-as-dificuldades-de-dislxicos/7733673. Acesso em: 08 out. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, Luísa Barbosa. **Dislexia e ensino-aprendizagem de língua portuguesa: um estudo de caso**. 41 f. Universidade de Brasília, 2013.

PAIXÃO, Marizuza Ribeiro; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; DEMO, Giane; CARVALHO, Silvana Nascimento de; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; VENDITTE, Neusa; DRUMOND, Eliana. **Desafios e potencialidades: como reconhecer talentos em alunos com dificuldades associadas.** Disponível em: https://www.academia.edu/143894822/DESAFIOS_E_POTENCIALIDADES_COMO_RECONHECER_TALENTOS_EM_ALUNOS_COM_DIFICULDADES_ASSOCIADAS. Acesso em: 08 out. 2025.

PAIXÃO, Marizuza Ribeiro; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; CARVALHO, Silvana Nascimento de; ISCHKANIAN, Sandro Garabed. **Inclusão e participação social: O papel do (TEACCH) na vida de pessoas com autismo.** Disponível

em: https://www.academia.edu/143922716/INCLUS%C3%83O_E_PARTICIPA%C3%87%C3%83O_SOCIAL_O_PAPEL_DO_TEACCH_NA_VIDA_DE_PESSOAS_COM_AUTISMO. Acesso em: 08 out. 2025.

PIAGET, J. **A construção do real na criança.** Rio de Janeiro; Zahar, 1960.

PIAGET, J. **Science of Education and the Psychology of the Child.** New York: Orion Press.1970.

PONÇANO, Neuza Aparecida Gibim. **A Dislexia como dificuldade de aprendizagem sob a ótica do professor – um estudo de caso.** 98 f. Dissertação de Mestrado – Universidade do Oeste Paulista, São Paulo. 2007.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais.** 3. ed. Lisboa: Gradiva, 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

SKINNER, B. F. **Science and Human Behavior.** New York: Macmillan. 1965.

SNOWLING, Margaret; STACKHOUSE, Joy. **Dislexia, fala e linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais.** Brasília: CORDE. 1994.

UNESCO. **Guia de planejamento de TIC na educação: de que forma a tecnologia pode transformar e melhorar a educação (versão 3.0).** Brasília: UNESCO. 2017.

VERAS, Fernanda de Carvalho. **A dislexia e a linguagem com foco na leitura e produção textual.** 49 f. Universidade de Brasília, 2012.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 14. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

VYGOTSKY, L. S. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Icone/EDUSP, 1988.

VYGOTSKY, L. S. **Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes.** Cambridge, MA: Harvard University Press. 1978.

E-BOOK - 2025